

porque posso ir além dos meus próprios limites. Esta profunda dimensão humana da interioridade é um lugar privilegiado para a total humanização, para visualizar a Deus. *“Volta a teu coração, e desde ele ascende a teu Deus. Se retornares a teu coração, voltarás a teu Deus que sempre esteve bem perto. Se te incomodarem todas estas coisas, é porque tens te ausentado de ti; és um exilado do teu coração. Encontras-te movido pelas coisas que estão fora e te extravias”* (Sermão 311,14,13).

32. Santo Agostinho cultivou a vida interior e desfrutou desse prazer: *“Porque Tu és a luz permanente a que eu acorria para me informar acerca da existência, natureza e importância das coisas. E eu assimilava teus ensinamentos e tuas ordens. Continuo a fazer isso amiúde. Isso me enche de gozo. Por isso, sempre que posso livrar-me dos afazeres inevitáveis, refugio-me neste lazer”* (Confissões 10,40, 65). A interioridade, tida não como fuga, e sim como raiz da própria vida, como lar da verdade (Cf. O mestre 11,38), como espaço para a escuta do Mestre interior e como reconhecimento da verdade que o ser humano leva impressa em si mesmo (Carta 19,1).

A experiência religiosa de Santo Agostinho é a de um Deus que está dentro dele, mais íntimo que a própria intimidade (Confissões 3,6,11). Esse Deus, origem de perguntas, nos fez para Ele e semeou em nossos corações a preocupação até que venhamos a sossegar no encontro com Ele (Confissões 1,1,1). Afastar-se, contemplar, voltar ao coração, cuidar da própria subjetividade, formam a contraproposta agostiniana à cultura da exterioridade.

O amor e a comunhão

33. Interioridade e comunhão se completam. Na viagem à interioridade, santo Agostinho encontra o espaço para o diálogo com Deus na oração, o amor como primeira vocação e o apelo à conversão.

Considerar a santo Agostinho apenas como pensador especulativo é pensar num Santo Agostinho depauperado. A vida e a experiência são fontes inesgotáveis de suas reflexões. Percorre o olhar pelo seu passado pessoal, pela sociedade, pelo entorno que o rodeia, e tira a conclusão de

que o amor é o motor da vida. *“Cada qual vive segundo aquilo que ama”* (A Trindade 13,20,26). Até os povos se definem pelo que amam. Para saber como é um povo temos de examinar o que ele ama (A Cidade de Deus 19,24). Se fica atrofiado o amor, a vida fica parálitica (Cf. Comentários aos Salmos 85,24).

34. A vida de Santo Agostinho é a história de um enamorado. Fala emocionado do *seu amigo da alma* (Confissões 4,4,7) e confessa que sem amigos não poderia sentir-se feliz (Confissões 6,16,26). A tal ponto a amizade é uma necessidade vital para ele, que, se tem de ficar sozinho, não se encontra com forças nem sequer para servir a Deus (Cf. Os costumes da Igreja católica 31,67). Conviveu fielmente (Confissões 4,2,2) com uma mulher que lhe deu um filho (Ib. 6,15,25) e chorou a morte de sua mãe Mônica com exemplar amor filial (Ib. 9,29 e ss.).

Poderíamos pensar que Santo Agostinho, com o fervor da conversão, viveu o amor numa direção vertical, exclusivamente. Nada mais alheio à verdade. Ao contrário, santo Agostinho aparece sempre rodeado de amigos. *Amar e ser amado*” (Confissões 3,1,1) foi sua tarefa de todos os dias. *“Uma vida só é boa se assim for feita por um bom amor”*, escreve no Sermão 311,11. Em outra parte afirma que *“de nenhuma outra coisa deve preocupar-se alguém na vida, a não ser de eleger o que deva amar”* (Sermão 96,1,1). *“Que consolo resta a nós numa sociedade humana como esta, praguejada de erros e de sofrimentos, a não ser a lealdade não fingida e o mútuo afeto dos bons e autênticos amigos?”* (A Cidade de Deus 19,8).

35. É importante amar e também saber escolher quando tenhamos que amar. *“Acaso falamos para vós que não ameis nada em absoluto? Jamais. Se não amardes alguma coisa sereis preguiçosos, mortos, dignos de desprezo e uns miseráveis. Amai, mas reparai naquilo que amais”* (Comentários aos Salmos 31,2,5). O amor, como tudo na antropologia agostiniana, tem caráter religioso: *“A vida boa e honesta tem sua origem no amor para com as coisas que devem ser amadas e como devem ser amadas. Ou seja, no amor a Deus e ao próximo”* (Carta 137,5,17). *“Teus pés são teu amor. Deves ter dois pés para não ficar coxo. Quais*

são estes dois pés? Os mandamentos do amor: o amor a Deus e o amor ao próximo. Corre com estes dois pés em direção a de Deus” (Comentários aos Salmos 33,2,10).

A conversão

36. A palavra conversão aparece unida à vida de Santo Agostinho. Muitas pessoas têm uma idéia simplista a respeito do que é conversão. Pensam que se trata de um acontecimento extraordinário na vida de alguns homens e mulheres possuidores de uma estrutura espiritual especial. Assim, conversão vem a ser, erradamente, o mesmo que heroísmo, que fato excepcional. No centro de toda conversão há sempre um encontro pessoal: Deus chama, mediante os mais diversos apelos, e o ser humano responde ao chamado livremente. A verificação desse encontro se produz na ligação da fé com a vida. Daí que a conversão tem uma tendência unificadora e totalizadora; é *“um querer vigoroso e total”* (Confissões 8,8,19).

Tanto a fé como a conversão se situam num contexto de procura. Também aqui é clave a vida interior. Todo ser humano que quer chegar ao íntimo de si mesmo, se depara com os interrogantes mais importantes. Deus-vida-mundo é o triângulo no qual se encerra toda reflexão. Com diferentes inclinações ao mal, à dor, à morte, ao amor... Para desemaranhar esta urdidura, temos de encaminhar o curso de nossas atividades e transformar-nos, nós mesmos, numa interrogação, como diz Santo Agostinho de forma muito expressiva: *“Tornei-me um desconhecido para mim mesmo e interrogava a minha alma”* (Confissões 4,4,9).

37. A despeito de que a conversão está inserida no âmbito da graça e nunca no resultado de qualquer esforço pessoal, a aproximação ao mundo humano mais profundo tem sido sempre uma das rotas de acesso a Deus. Não há nenhuma delas que leve necessariamente a Deus, mas também é certo que a presença de Deus fica obscurecida sempre que o homem deixa de ser humano e se desfaz da intimidade.

A conversão sempre implica exercitar a fé. O sim humano à fé pode configurar-se na imagem do caminho. Os grandes exemplos de fé

que se encontram na Bíblia – Abraão, Jonas, Rute, Jacó, Maria... – são pessoas a caminho. Mesmo que não o sejam no sentido geográfico, são protagonistas de mudanças importantes que, no dinamismo de cada um de seus movimentos, apresentam dois elementos primordiais: a vinculação e o rompimento. A conversão-vinculação significa colocar no centro da própria vida a Jesus Cristo, o Senhor, conviver com Ele (2 Tm 2,11; Rm 6,8), levar em si mesmo a pessoa de Cristo (Comentários ao Gênesis em réplica aos maniqueus 2,25,38).

Um procedimento pastoral que não conduza a Jesus Cristo, não é cristão. A conversão-ruptura leva consigo o fato de abandonar todas as instalações confortáveis, as múltiplas formas de idolatria. *“Será possível viver sem essas coisas?”*, interrogava-se Santo Agostinho nas Confissões (8,11,26).

Não se pode entender a conversão como meta, mas sim como itinerário e princípio unificador enquanto nos ocupamos em lavrar o terreno depauperado de nossa própria vida (Confissões 2,10,18). Crer é converter-se e converter-se é crer. A fé e a conversão são acontecimentos interiores e abrangem a totalidade da vida, o coração. *“Deus não quer de ti palavras, e sim o coração”* (Comentários aos Salmos 134,11).

A oração

38. O recanto da oração é a interioridade e tem um acentuado caráter de diálogo. *“Tua oração é tua conversação com Deus. Quando lês, Deus te fala; quando tu rezas, falas com Deus”* (Comentários aos Salmos 85,7). O primeiro a se fazer é ouvir a Deus, recolher-se, encontrar-se. É o retorno à interioridade onde espera e tem sua cátedra o Mestre interior. Lá está Deus, lá mora, desde lá nos conduz (Comentários aos Salmos 41,1-9; Tratados Sobre o Evangelho de São João 20,11-21).

Santo Agostinho elaborou uma doutrina muito conhecida a respeito do Mestre interior, Jesus Cristo. *“Por isso, voltai ao vosso interior e, se sois fiéis, achareis lá a Cristo; Ele ali nos fala. Eu o chamo, só que Ele ensina melhor no silêncio. Eu falo com o sons da linguagem. Ele fala interiormente pela calma do pensamento”* (Sermão 102,2). Uma dessas orações simples e essenciais que deve caracterizar nosso diálogo continuado com Deus está manifestada assim por santo Agostinho: *“Dá*

quanto ordenas e manda quanto quiseres" (Confissões 10,37,60). É a convicção do "mendigo de Deus", que reconhece suas limitações e, ao mesmo tempo, sabe o que pode realizar com a presença e a ajuda do amor de Deus.

39. Sendo Deus o pólo de magnetismo do coração humano (Confissões 1,1,1), o único que devemos pedir em toda oração é o próprio Deus. E, a partir do diálogo com Ele, buscar seu rasto na história, ler os acontecimentos diários com olhos de quem acredita, espera e ama. O critério esclarecedor da vida cristã é o amor. Amar a Deus e amar ao homem como Deus o ama. *"Em que devemos nos exercitar enquanto estivermos neste mundo? No amor fraterno. Tu podes me dizer que não vês a Deus; porém, podes me dizer que não enxergas os homens?"* (Tratados sobre a primeira Carta de São João 5,7).

O tratado a respeito da oração é inseparável ao da interioridade. Não é possível a oração sem a interioridade e não é possível a interioridade sem o recolhimento, sem o silêncio que nos livra do cerco barulhento que nos envolve e de nosso próprio mundo, por vezes, tumultuado.

Para que não seja só a voz a que louve, mas também o sejam as obras (Cf. Comentários aos Salmos 149,8), pois Deus aplica o ouvido ao coração de quem o louva (Cf. Comentários aos Salmos 146,1-3; Ib.118 s.5; Ib.102,2), o ser humano haverá de viver numa atitude de escuta. Assim, a oração pode ser definida como diálogo que estimula a mudar o coração, as raízes da própria vida. *"Na oração há lugar para uma conversão do coração a Deus, o qual sempre está disposto a ajudar-nos contanto que nós estejamos dispostos a receber o seu auxílio"* (O Sermão da Montanha 2,3,14).

40. Este aspecto renovador da oração cristã é uma das idéias preferidas de Santo Agostinho. *"O fato de falar muito na oração é mais apropriado aos gentios que aos cristãos, porquanto se preocupam mais em exercitar a língua que em purificar o coração"* (O sermão da Montanha 2,3,12). Entende-se, desta forma, que a oração não pode reduzir-se a uma experiência externa, a um lampejo emocional, posto que é um brado do coração. *Ninguém poderá duvidar que é vão o clamor elevado a Deus pelos que rezam, se o manifestam pelo som da voz*

corporal sem antes ter elevado o coração a Deus" (Comentários aos Salmos 118,29,1).

Quando a vida não passa pela oração, entumecem-se as atitudes das pessoas e fecha-se a passagem aos apelos do Espírito. A oração, nesse caso, não é uma experiência vivificante de conversão, e sim uma confusão de palavras. *"Para louvar a Cristo não sejas barulhento com as vozes e mudo com as obras"* (Sermão 88,13,12).

O Cristo total: fundamento da unidade e da solidariedade

41. A tendência humana para a comunhão chega a seu apogeu na comunhão com Jesus Cristo e com toda a humanidade, coisa que Santo Agostinho descreve na configuração do Cristo total. O corpo humano como imagem de uma comunidade tem uma grande força expressiva porque ninguém ignora a articulação dos membros e funções do próprio corpo. O texto paulino de 1 Coríntios 12,12-27 serve a ele de apoio para a reflexão acerca do Cristo total.

Não quer tanto fazer ver que Cristo representa a cabeça e nós os membros, quanto que Cristo é a cabeça e os membros ao mesmo tempo. *"Jesus Cristo, Senhor nosso, enquanto varão perfeito é íntegro, é cabeça e corpo. A cabeça é aquele homem que nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi sepultado, ressuscitou, subiu ao céu, está sentado à direita do Pai donde esperamos que virá a julgar vivos e mortos. Essa é a cabeça da Igreja (Ef 5,23). O corpo que corresponde a essa cabeça é a Igreja, não a que aqui se encontra, mas aquela que, além de estar aqui, se encontra em todo o universo terrestre; e não apenas a Igreja desta época, mas também a que desde Abel abrange a todos quantos haverão de nascer e acreditar em Cristo até que chegue o fim dos tempos, o povo íntegro dos santos que pertencem à única cidade. Cidade que é o corpo de Cristo, corpo que tem por cabeça o próprio Cristo... Conheçamos, pois, o Cristo total e íntegro unido na Igreja; o único que nasceu da Virgem Maria, a Cabeça da Igreja, isto é, o mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus (1 Tm 2,5)"* (Comentários aos Salmos 90,2,1).

42. Santo Agostinho leva até as últimas conseqüências a idéia de um Deus feito carne em Cristo. Centralizar a vida em Deus ou no homem não é atitude cristã. É necessário servir a Deus no ser humano. *“Cristo ainda se encontra necessitado aqui, ainda é peregrino deste mundo, adoeece e é feito prisioneiro”* (Comentários aos Salmos 86,5). Esta visão agostiniana do Cristo total adquire um incomensurável valor teológico e humanista e é a razão mais profunda da verdadeira solidariedade. Num mundo de constantes agressões e de violência sofisticada, é tão difícil a fé em Deus quanto a fé no homem.

Outra aplicação da idéia do Cristo total está relacionada com a configuração da comunidade cristã. Também os pastores formam parte do rebanho. Jesus remove o modelo de autoridade que então vigorava e inova com uma sociedade circular. Porque *“da mesma forma que chamamos cristãos a todos os ungidos pelo místico crisma, assim também podemos chamar sacerdotes a todos eles por serem membros do único sacerdote. Deles diz o Apóstolo Pedro: Estirpe eleita, sacerdócio régio”* (A Cidade de Deus 20,10).

43. Enfim, aplica-se esse símbolo do Cristo total à humanidade de Jesus que transpõe a barreira de sua morte e se prolonga e faz presente ali onde houver alento humano. *“Não te queixes, e muito menos ainda murmures por teres nascido nestes tempos, nos quais não podes ver o corpo do Senhor. Podes, sim; pois Ele disse: o que tenhas feito a um destes meus pequeninos, a mim o terás feito”* (Sermão 103,1,2).

Essa compreensão do Cristo total confere uma confiança incondicional no ser humano. Ninguém fica de fora porque *“tu és um homem só e teus próximos são muitos; pois, em primeiro lugar, não debes entender o próximo como se fosse algo semelhante a um irmão teu, consangüíneo ou parente legal. Pois todo homem é próximo para todo homem... Nada há tão próximo como um homem a outro homem”* (Sermão sobre a disciplina cristã 3,3). A misericórdia e a compaixão devem chegar aonde parece que o homem tenha tocado seu fundo mais baixo de pobreza. *“Tu, juiz cristão, cumpre o ofício de pai piedoso. Encoleriza-te contra a iniquidade de sorte que não te esqueças da parte humana”* (Carta 133,2).

A Igreja

44. A prolongação de Jesus no tempo é a Igreja. Não se pode compreender Cristo sem a Igreja e não se entende a Igreja sem Jesus Cristo. O transcurso dos séculos e as impressões de tantas mãos humanas têm escurecido a imagem mais límpida e verdadeira da Igreja. Somente a partir da fé em Jesus Cristo é perceptível a realidade da Igreja. Como personificação do Cristo total, Ela é composta de cabeça e também de membros. Por isso, a Igreja real que vemos e da qual formamos parte agora, é uma eira repleta de trigo e de palha. *“Muitas vezes temos falado que a Igreja tem palha e trigo. Ninguém ouse retirar toda a palha enquanto não chegar o tempo da limpa. Ninguém abandone a eira antes do limpamento por não querer tolerar os pecadores... e qualquer um que observar de longe a eira julga que só tem palha. Se não olha com maior atenção, se não estende a mão, se não sopra, ou seja, se não separa a palha do trigo soprando, dificilmente chegará a enxergar os grãos”* (Comentários aos Salmos 25,2,5).

A Igreja do céu e a Igreja da terra são uma mesma e única Igreja. Enquanto é construída neste mundo, é mãe que acolhe e não esquece suas entranhas de misericórdia ante nenhuma espécie de pecado (Sermão 352,9), é hospedagem do caminheiro em que se cura quem estiver ferido (Tratados sobre o Evangelho de São João 41,13).

45. A teologia dos nossos dias, na mesma linha da antiga teologia, insiste na reflexão acerca de quem é a alma da Igreja, o Espírito Santo. *“O que é a alma com respeito ao corpo humano, isso é o Espírito Santo com respeito ao Corpo de Cristo que é a Igreja. O Espírito Santo atua na Igreja de igual forma que a alma age em todos os membros do único corpo”* (Sermão 267,4). Esse modo de entender a Igreja não exclui formas institucionais. As convicções de fé seriam insustentáveis se não houver um mínimo de estruturação. Porém, todos os aspectos operacionais devem ser continuamente vivificados pelo poder do Espírito. É a inter-relação carisma-instituição. Este olhar a ambas as coisas é absolutamente necessário.

Muitos homens e mulheres dos nossos dias, especialmente jovens tropeçam na Igreja como se fosse um empecilho para sua fé. Ninguém

dos que se tenham aproximado da história da Igreja poderá dizer que os tempos de Santo Agostinho favoreciam o amor à Igreja movidos pelo exemplo de todos os seus membros. Ele, apesar disso, aceita e ama a Igreja de seu tempo. *"Amemos o Senhor Deus nosso e amemos a Igreja. A Ele como Pai e a ela como mãe"* (Comentários aos Salmos 88,2,14). *"Ama a Igreja, pois ela te gerou para a vida eterna"* (Sermão 344,2). E *"se amarmos a Igreja, teremos o Espírito Santo"* (Tratados sobre o Evangelho de São João 32,8). No Cristo total não é possível separar a Cabeça dos membros. *"Permanece íntegro o corpo de Cristo na cruz em mãos de seus perseguidores, e está dividido o Corpo da Igreja nas mãos dos cristãos!"* (Comentários aos Salmos 33,2,7). *"A Igreja fala em Cristo e Cristo na Igreja; o corpo fala na Cabeça e a Cabeça no Corpo"* (Comentários aos Salmos 30,2,1,4).

46. A Igreja da história é a Igreja peregrina, a Igreja que caminha pela terra, só que tendo o olhar e o coração postos no Senhor Jesus. Esta Igreja se torna visível, sobretudo, na comunidade. A comunidade, que compartilha um só coração e uma só alma, é a face da Igreja.

Um modelo exemplar da Igreja encontra-se no livro dos Atos dos Apóstolos. Os seguidores de Jesus *"tinham as coisas em comum e se distribuía a cada um de acordo com as necessidades"* (Atos 4,32,35). Todos se sentiam unidos como filhos e irmãos numa mesma família. *"Acorriam assiduamente ao ensino dos Apóstolos, à comunhão, à fração do pão e às orações"* (Atos 2,42). As saudações e as despedidas das cartas paulinas permitem perceber o ambiente das comunidades primitivas. Não têm importância as diferenças, todos participam (1 Coríntios 14,24,31) segundo o dom que cada um recebeu (1 Coríntios 14,26).

47. A experiência comunitária é inseparável da Igreja. Comunidade de portas abertas que tem seu centro em Jesus Cristo, onde se vive a igualdade radical e multiforme dos filhos de Deus, onde se partilha a fé em Jesus, onde se acolhe a palavra de Deus, onde se testemunha o amor com gestos concretos de serviço. Essas comunidades completam o rosto humano e visível da Igreja. A presença de Jesus Cristo está garantida: *"onde estiverem dois ou três reunidos, ali estarei Eu"* (Mateus 18,20).

Na vida e no pensamento de santo Agostinho, a comunidade ocupa um lugar de destaque, é uma de suas paixões. O percurso da espiritualidade agostiniana é um itinerário a ser feito acompanhado pelos irmãos. A meta final é o encontro comum com Deus. Enquanto isso, trabalha-se com os outros e para os outros porque ainda estamos neste mundo. Aqui é onde se edifica a Cidade de Deus.

O compromisso com o mundo: a justiça, a paz e a solidariedade

48. A ação social e a ação política, com toda sua dignidade, não demarcam o limite do que é essencial ou específico dos leigos. Santo Agostinho recomenda a todos os cristãos a utopia da Cidade de Deus. Trata-se de um projeto que é, ao mesmo tempo, história e escatologia.

O cristão deve conhecer a sua cidadania. *"Devemos conhecer Babilônia, na qual nos encontramos cativos, e Jerusalém, pelo retorno à qual suspiramos"* (Comentários aos Salmos 64,1). Esta é uma idéia bem consolidada na pedagogia de santo Agostinho, embora nestes tempos devamos deixar de lado os nomes e lugares geográficos que ele menciona (Cf. Sermão 214,11; A catequese aos principiantes 19, 31; Comentário literal ao Gênesis 11, 15; Comentários aos Salmos 9,1,8). Os artífices construtores das duas cidades são, respectivamente, o egoísmo e o amor de Deus (Comentários aos Salmos 64,2).

Os seres humanos e as cidades se diferenciam devido a seus amores. *"O amor de Deus constrói a cidade de Jerusalém e o amor do mundo, a de Babilônia. Examine-se cada qual a si mesmo para saber o que ama e saberá de qual delas é cidadão"* (Comentários aos Salmos 64,2). Há uma rivalidade entre os dois amores que determinam a essas duas cidades. *"Estes dois amores, dos quais um é bom e o outro mau, um social e outro particular, um que cuida do proveito de todos (...) e outro que menospreza o que é comum em prol de que é próprio por causa de um desejo desmedido de domínio; um, fiel a Deus e o outro inimigo de Deus; um, tranqüilo e o outro agitado; um, pacífico e o outro belicoso... servem de distintivo para as duas cidades que dividem o gênero humano"* (Comentário literal ao Gênesis 11,15,20).

49. O conceito de Cidade de Deus vai, naturalmente, além da organização de uma cidade humana. A Cidade de Deus procede de Deus, caminha em Deus e acaba nos braços de Deus. *“Distribuimos os homens em duas classes: uma, é a dos que vivem segundo o homem; outra, a dos que vivem de acordo com a vontade de Deus. Metaforicamente, damos a elas o nome de duas cidades, quer dizer, duas sociedades ou aglomerações de homens”* (A Cidade de Deus 15,1,1).

A Igreja e a Cidade de Deus não são a mesma coisa, não obstante Santo Agostinho localiza esta cidade na Igreja. *“Sabemos que Sião é a cidade de Deus. É chamada Sião a cidade de Jerusalém... É, pois, evidente que Sião é a cidade de Deus; e que é a cidade de Deus senão a santa Igreja?”* (Comentários aos Salmos 98,4). Portanto, falar da Igreja leva consigo um aqui e um além, um hoje e um amanhã último. Esta cidade é a edificação de Deus e a construção dos homens. Cidade que se ergue em meio a um mundo de contrastes porque as inumeráveis evoluções dos dois amores enfrentados revestem de dramaticidade a história humana.

O ardente desejo da Cidade de Deus é a unificação dos valores humanos e sociais, a recuperação por parte da humanidade e da natureza de seu inesgotável mistério, a afirmação de uma presença amorosa que nos envolve e sustenta. Em outras palavras, é a formação do Cristo total, cabeça e membros vinculados pela fé e pelo amor, a reconciliação do ser humano com Deus, consigo mesmo e com o mundo, coisa que é tarefa presente e, ao mesmo tempo, esperança futura.

50. A utopia brilhante da Cidade de Deus, situada no contexto do mundo, aponta para uma teologia política tomada num sentido mais amplo e verdadeiro. Todo esforço para conseguir uma ordem mais justa e as aspirações por criar uma nova sociedade esbarram na força do amor desenfreado dos que se consideram proprietários do mundo. Não poderemos sair deste círculo de indigência pelas nossas próprias forças. E não se encontrará solução para este problema numa espiritualidade enfadonha ou fugidia diante dos problemas da nossa sociedade. Daí que, o ser humano, no seu desejo de liberdade e de um futuro novo, ultrapassa a dimensão do social e busca a salvação que vem de Deus.

Desde a perspectiva da cidade de Deus, a história – por tumultuada que possa parecer – admite uma interpretação de providência e, assim, a

vida cristã se torna uma peregrinação popular com esse Cristo que vai na frente, num compromisso com o mundo, num caminho de esperança. *“E a esperança não será ilusória, pois o amor de Cristo foi derramado em nossos corações pela força do Espírito Santo, que nos foi dado”* (Romanos 5,5).

A missão do cristão no mundo é semear a esperança que não decepciona, construir a Cidade de Deus com a força de seu amor que habita em nós e que é a graça do Espírito. Sem sua ajuda, não podemos curar a enfermidade que nos impossibilita sermos nós mesmos, efetivar com disposição as oportunidades de praticar a justiça, e nos faz escravos do nosso egoísmo e dos mecanismos de um mundo inspirado na mentira.

Por sorte nossa, a despeito disso, Jesus Cristo, o médico divino, nos curou e continua sarando nossa enfermidade com seu amor. Não nos tem deixado órfãos, tem nos dado “outro Advogado” que renova conosco a face da terra (Salmo 103) e é o verdadeiro esteio da nova justiça e da paz. Sem Ele não poderemos fazer nada em absoluto, porém com Ele podemos ter certeza do desenvolvimento da cidade de Deus aqui, desde já. *“Pois não tendes recebido o espírito de escravos para serdes arrastados pelo temor, antes tendes recebido o espírito de adoção... somos filhos de Deus, e, por sermos filhos, herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo...”* (Romanos 8,15-17). Fortalecidos por essa graça, não somos tão-só construtores de sonhos e de utopias, mas antes de um Reino que não fracassa.

51. A luta entre os dois amores que procuram construir duas cidades diferentes – o grande drama da humanidade – se combate no coração humano. É o complicado tema da liberdade posta em contínua beligerância movida por desejos contrários. Por ser a raiz de decisões errôneas é considerada por alguns como origem de muitos males.

Santo Agostinho, apesar disso, vê na liberdade um incalculável bem humano (Cf. O livre arbítrio 1,15,31), considera-a como um dom de Deus (Ib.3,18,52), e a define como a capacidade de decisão que tem a vontade por ser dona de si mesma (Ib.3,3,8). Embora os seres humanos tenhamos sido feitos livres para fazer o bem, não somos igualmente livres para inclinar-nos ao mal. A opção pelo bem constitui a verdadeira liberdade, enquanto a opção para o mal é frustração e escravidão. *“Toda*

servidão está cheia de amargura. (...) Não temais a escravidão do Senhor. (...) Junto ao Senhor a escravidão é livre. Lá onde não presta serviço a necessidade, e sim a caridade, a servidão é livre” (Comentários aos Salmos 99,7). Concluímos daí que, na vida bem-aventurada, atingiremos a máxima liberdade, porque *“tampouco os bem-aventurados deixarão de ter livre arbítrio, pelo fato de não sentirem o atrativo do pecado”* (A Cidade de Deus 22,30,3).

A reflexão de Santo Agostinho acerca da liberdade parte de sua experiência pessoal. Sente-se acometido pelo mal que se apresenta disfarçado com vestes atrativas. De outro lado, nota a debilidade de sua vontade e a fragilidade de sua liberdade. Experimenta a contradição que há entre a incapacidade de fazer o bem, que o empurra ao desânimo, e a paz que proporciona o cumprimento da vontade de Deus (Cf. Confissões 13,9,10), porque isto coincide com nossas aspirações mais profundas. Isso produz a harmonia e a unificação da pessoa, porque somos conduzidos pelo amor (Confissões 13,9,10)

52. No cenário do mundo, obra de Deus e lar do ser humano, são três as determinações cristãs – de reconhecido cunho agostiniano – que podem ser, também, convocatória geral para todos os homens de boa vontade: a justiça, a solidariedade e a paz. Quanto mais avançarmos na vida do Espírito, mais fortemente sentiremos a urgência de transformar as realidades materiais guiados pela perspectiva do Reino de Deus. Não podemos confundir a *“desmundanização”* da vida cristã – a oposição do Espírito a tudo quanto é contrário a Deus (1 Coríntios 2,12) – com sua *“desumanização”*. Santo Agostinho sempre se considerou humano, um igual aos outros (Sermão 232,2).

Participar da condição humana é incompatível com o fato de desconsiderar o apelo suplicante dos pobres e de muitas outras pessoas que sofrem os efeitos da guerra ou do desenvolvimento. A luta pela justiça, pela paz e pela solidariedade, é apropriada à missão evangelizadora da Igreja. De toda a Igreja, sem delimitar fronteiras entre os seus diferentes membros, porque ela é um único sujeito histórico, não sendo os leigos os únicos responsáveis pelo que venha a acontecer no mundo.

53. Fala-se de uma cultura da solidariedade, do diálogo, da paz, como exigências da consciência cristã, porém, são reduzidas as intervenções corajosas no campo da política social. Nos tempos de Santo Agostinho, o bispo mantinha contato direto com a agitação da rua porque às funções ministeriais era acrescentada a de juiz. Onde poderemos achar a peculiaridade agostiniana em prol da justiça? Na sua própria idéia da justiça que não descarta a misericórdia. *“Não podemos ser totalmente justos se formos descuidados em praticar a misericórdia”* (Sermão 144,4). *“Que a verdade não afaste de ti a misericórdia e que a misericórdia não sirva de obstáculo para a verdade”* (Comentários aos Salmos 88,1,25). Ou, falando de forma mais clara, *“quando a justiça é aplicada sem misericórdia, sempre encontrará algo a ser condenado”* (Comentários aos Salmos 147,12) O realismo de Santo Agostinho leva-o a afirmar: *“O que se faz justo em demasia, precisamente a causa desse “em demasia”, se torna injusto”* (Tratados sobre o Evangelho de São João 95,2).

A justiça e a paz são amigas inseparáveis. *“Constrói a justiça e terás a paz, para que assim se abracem a justiça e a paz. Se não amas a justiça, te faltará a paz. Estas duas virtudes: a paz e a justiça se amam e se beijam mutuamente, de tal modo que, quem fizer a justiça encontrará a paz que abraça a justiça. São duas amigas. Talvez queiras ter uma, e, a despeito disso, não efetues a outra. Não há quem não suspire pela paz, embora nem todos pratiquem a justiça”* (Comentários aos Salmos 84,12). Quebra-se a paz quando se rompe a unidade. *“Não amam a paz os que dividem a unidade”* (Comentários aos Salmos 124,10). Para Santo Agostinho, a paz é o mesmo que concórdia e ordem. *“A paz de todas as coisas é a quietude da ordem. E a ordem é a distribuição dos seres iguais e diferentes, assegurando a cada um o seu lugar”* (A Cidade de Deus 19,13,1).

54. A solidariedade é uma dimensão fundamental do amor cristão. Não podemos ser interesseiros e, nessa disposição, amar a Jesus Cristo. Ser solidário é a motivação radical que dá solidez ao conceito agostiniano da comunicação de bens. Santo Agostinho declara que o texto de Mt 25,31-46 o comove profundamente. *“Algumas vezes tenho trazido a vossa*

lembrança um trecho da Escritura que a mim, devo confessá-lo, me impressiona profundamente e que haverei de lembrá-lo a vós ainda com maior frequência. Peço-vos que reflitais sobre o que declarará Nosso Senhor Jesus Cristo quando, vindo no fim dos tempos para julgar, reúna na sua presença todos os povos e divida os homens em dois grupos, pondo um à sua direita e outro à sua esquerda. (...)

Minha advertência, meus irmãos, seria esta: dai o pão terreno e batei nas portas do Pão celeste. O Senhor é esse pão. Eu sou - disse - o pão da vida (Jo 5,35). De que jeito haverá de dá-lo a vós que não o ofereceis ao necessitado?... Mesmo que Ele é o Senhor, o verdadeiro Senhor e não precisa de nossas posses, para que tivéssemos oportunidade de fazer algo em seu favor, se dignou sofrer fome pelos pobres: tive fome - disse - e me destes de comer. Senhor, quando te vimos faminto? Quanto fizestes a qualquer um destes meus pequeninos, a mim o fizestes. E aos outros: Dado que não o fizestes a algum destes meus pequeninos, tampouco a mim o fizestes" (Sermão 389,5-6).

55. Quando fala da comunhão de bens, santo Agostinho se mostra radical a tal ponto de afirmar que "É uma espécie de roubo o fato de não dar ao necessitado o que sobeja" (Sermão 206,2). A prática do jejum, ao contrário de privação, é partilha. "De preferência, lembrai-vos dos pobres; desta forma depositais no tesouro celeste aquilo a que renunciáis quando viveis de maneira mais sóbria. Receba o Cristo faminto o que o cristão consome a menos, jejuando. A mortificação voluntária do rico seja abundância necessária para o pobre" (Sermão 210,10,12). Ninguém, por mais pobre que seja, pode sentir-se dispensado de partilhar seus bens. "Nada trouxeste a este mundo, e, por isso mesmo, nada poderás levar dele. Encaminha para cima o que tens encontrado e não o perderás. Entrega-o a Cristo. Ele quis receber aqui embaixo. Se o dás a Cristo, irás perdê-lo? (...) Cristo pôs à venda o reino dos céus e determinou seu preço num copo de água fria. Quando for o pobre que dá esmola, basta que dê um copo de água fria. Quem mais tiver, mais deve dar" (Sermão 39,6).

O diálogo com a criação

56. Deus, a natureza e a humanidade não devem ser objeto de mera contemplação passiva; ao contrário, são para o homem fortes e diversificados apelos à comunhão. Aqui se encaixa a perspectiva agostiniana sobre a ecologia ou relacionamento com o meio ambiente. Santo Agostinho mostra ser, nos Comentários aos Salmos, principalmente, um grande observador da natureza. As referências à criação e à agricultura se repetem. São observações sutis de quem percebe a beleza da realidade a partir do conhecimento que tem de si mesmo (Cf. A ordem 1,2,3; Sermão 52,17).

A criação é um espetáculo magnífico de luz, de beleza e de harmonia, que fala de Deus (Cf. Sermão 241,2; Sermão 293,5), obra da Trindade (Cf. Sermão 223 A,3; Sermão 52,17), que o homem não pode controlar arbitrariamente, e muito menos ainda destruir, como se dela fosse dono absoluto. A forma de diálogo existente nas relações da natureza e no trabalho humano, segundo Santo Agostinho, não permitem que sejam alheias a nós as coisas que nos rodeiam. Há coisas que devem ser usufruídas, outras feitas para serem utilizadas e, por último, as que devem ser usadas e desfrutadas. "É fácil notar que uma coisa é usar e outra desfrutar. Usar vai unido à necessidade e gozar, à alegria. Daí que para nosso uso nos deu estas coisas temporais, e para nosso deleite deu-se a si mesmo... Ponhamos Nele o prazer do coração... Com toda razão só Ele é o suficiente para nós" (Sermão 177,8,9; Cf. também A doutrina cristã 1,3,3-5; Ib. 1,4,4).

Isso não quer dizer que devamos desperdiçar as coisas ou renunciar aos valores da terra, mas sim valorizar tudo isso no seu justo preço. "Sejam objeto de uso, de acordo com a necessidade, mas não de amor; sejam como pousada de peregrino, não como propriedade de quem possui... Repõe as tuas forças e segue adiante. Estás de viagem, (...) são necessários o alimento e a roupa. Seja-nos suficiente o indispensável para a viagem. Por que carregas tanto? Por que levas tanto peso para este breve itinerário, peso que não te ajuda a chegar à meta, e que, ainda, faz com que te sintas mais abatido uma vez concluída a caminhada?" (Sermão 177,2-3).

57. Tradicionalmente, tem-se interpretado o mundo como uma realidade negativa que deixa sem espaço os leigos. Este juízo condenatório procede de uma visão parcial – as hostilidades do mal, o príncipe deste mundo... – que tem ocasionado a tentação de reduzir a confissão de fé ao âmbito do culto. A nova mentalidade do mundo – que abrange, também, a família humana e o entorno da criação – não admite um juízo condenatório. Entendido assim o mundo, ele é essencialmente bom (Gênesis 1,31), feito ao agrado de Deus e deixado em nossas mãos para que o transformemos e nele nos deliciemos. Há sempre o risco de sermos aprisionados pela beleza e o desfrute da realidade ou por sua dor e sua contradição inexplicável.

Que todos os seres criados são bons, é a conclusão a que chega Santo Agostinho após um discurso filosófico. *“Compreendi também que são boas as coisas que se corrompem, as quais não poderiam estragar-se caso fossem sumamente boas. E nem mesmo poderiam corromper-se se não fossem boas. Se fossem sumamente boas, seriam incorruptíveis. Não sendo boas, não haveria nelas qualidades passíveis de corrupção. A corrupção deteriora, e não há degeneração onde não houver diminuição de algo que seja bom”* (Confissões 7,12,18).

A compreensão positiva do mundo deixa de lado a divisão entre matéria e espírito e possibilita que a espiritualidade cristã consiga a convergência dos grandes eixos que constroem a vida do dia a dia: as relações humanas, o trabalho, o compromisso político. O impacto desta nova mentalidade veio a ser uma constante nos textos do magistério mais recente. *“O mundo – lemos na Christifideles laici – se transforma em âmbito e meio da vocação cristã dos fiéis leigos... Deste modo, o ser e o agir no mundo são para os fiéis leigos não só uma realidade antropológica e sociológica, mas também, e especificamente, uma realidade teológica e eclesial”* (15).

Na espiritualidade secular, ser, estar, acolher o mundo, significa estabelecer uma relação positiva de gratuidade e de responsabilidade. Gratuidade porque o mundo é o nosso lar, lugar gozoso da vida e local de santificação. Responsabilidade porque, para atuar na sua transformação com a clareza da fé, pode ser necessário, por vezes, um certo distanciamento.

IV. AFIRMAÇÕES SOBRE A ESPIRITUALIDADE AGOSTINIANA

Este apontamento referente ao conteúdo e às exigências da espiritualidade agostiniana pode ser encerrado com alguns lembretes fundamentais:

4.1. A primazia de Jesus Cristo na espiritualidade agostiniana
(Cf. Confissões, livro 7).

58. Cristo é o único e verdadeiro mestre (Cf. Sermão 134,1; O mestre 14,46), a Verdade que mora no homem interior (Comentários aos Salmos 109,36), o Senhor da história (Cf. A Cidade de Deus 8), a pátria para onde caminhamos (Cf. Sermão 92,3), o médico capaz de curar a enfermidade do pecado (Cf. Sermão 63 A, 2), o alimento na Palavra e na Eucaristia (Cf. Sermão 56,10; Sermão 227,1). Deste centro, que é Jesus Cristo em pessoa, se conclui que as Fraternidades Agostinianas, alimentadas pela espiritualidade de Santo Agostinho, não tem outra finalidade senão a de fazer em comum o roteiro de seguimento ao Cristo do Evangelho.

4.2. A alma da espiritualidade agostiniana é a caridade

59. *“De uma vez por todas vou te dar um breve conselho: ama e faz o que quiseres... da raiz do amor só poderá brotar o bem”* (Tratado sobre a Primeira Carta de São João 7,8). *“Pensai sempre que se deve amar a Deus e ao próximo... É isto o que se deve pensar sempre, e meditar sempre, e recordar sempre, e praticar sempre, e cumprir sempre. O amor a Deus é o primeiro que se manda e o amor ao próximo é o primeiro que se deve praticar”* (Tratados sobre o Evangelho de São João 17,8). O fato de amar nos une a Cristo e se torna um forte vínculo de fraternidade: *“Tua alma não é propriedade tua, e sim de todos os teus irmãos; e as almas deles são tuas; melhor dizendo, as almas deles e a tua não são almas, mas a única alma de Cristo...”* (Carta 243,4). A caridade nos introduz num único amor, a Deus e aos irmãos, com particularidades diferentes. Desta fonte do amor nascem a justiça, a paz e a solidariedade verdadeiras.

4.3. A espiritualidade agostiniana se alimenta na Bíblia

60. A palavra de Deus é ponto de partida e é meta. A Escritura é o livro da espiritualidade, o espelho que permite tomar consciência da realidade. *É como uma voz que fala todos os dias*" (Sermão 45, 3). *"Os estudiosos da Sagrada Escritura rezem para compreendê-la. Isto é o mais importante e o mais necessário"* (A doutrina cristã 3,37,56). *"Fascinante essa profundidade das tuas Escrituras!... Meu Deus, é admirável sua fundura. Dá vertigem assomar a esse abismo. É uma vertigem de respeito e um estremecimento de amor"* (Confissões 14,14,17).

A Palavra de Deus, tão profunda como fascinante (Cf. Confissões 12,14,17), é alimento espiritual e boa notícia proclamada que assenta as bases do Reino de Deus nos acontecimentos. O que Deus comunica por intermédio da Palavra não é só seu mistério, mas muito mais ainda do que isso, ao se revelar, oferece sua comunhão e sua vida.

No processo da conversão de Santo Agostinho aconteceu um encontro com a Palavra de Deus que iria lhe revelar uma nova forma de viver. Depois, especialmente como Bispo, a Escritura virá a ser palavra meditada e palavra proclamada. Entender que a mensagem da Bíblia possa resultar, por vezes, difícil, ficou claro para Santo Agostinho. *"Ninguém se sinta desiludido vendo que a página divina fala de forma escura. Onde a ti se apresentar manifesta a vontade de Deus, quer dizer, onde estiver clara, ama-a. Ama-a quando te advirta claramente. Porém, é indiferente que se manifesta a ti claramente ou que se apresente obscura. Ela é a mesma, estando no sol ou estando na sombra"* (Sermão 45,3).

4.4. A espiritualidade agostiniana conclama à conversão

61. O bispo de Hipona não ignora o estrago ocasionado pelo pecado. Participamos da miséria do mendigo (Cf. A ordem 1,2,3), mas a fé, a esperança e a caridade restauram no ser humano a imagem trinitária de Deus. Uma imagem imperfeita, mas no fim das contas, imagem (Cf. A trindade 10,12,19), que faz da busca de Deus uma ação constante na vida (Cf. Solilóquios 1,1-6; Confissões 6,16,26...).

Esta condição frágil do ser humano se faz ver na luta interior sem descanso e faz da existência humana um combate permanente, uma conversão constante. Na mudança do próprio coração, inicia-se a transformação do mundo. Não pode haver humanidade nova se não houver, antecipadamente, homens novos com a novidade do batismo e da vida adaptada ao Evangelho (Evangelii nuntiandi 18).

A evangelização tem hoje, como finalidade, em muitos ambientes, o mundo da indiferença perante tudo o que é religioso. Rejeita-se o discurso repetitivo e, na feliz expressão de santo Agostinho que poderia aplicar-se também à sociedade contemporânea, *"todos querem entender, mas nem todos querem crer"* (Sermão 43,4).

Evangelizar não é dominar técnicas especiais de pregação e nem ser um experiente comunicador, mas antes anunciar *"o que temos ouvido, visto, contemplado, apalpado..."* (1 Jo 1,1-2). Conforme for a vida do evangelizador, assim será a luz de sua mensagem (Cf. Tratados sobre o Evangelho de São João 19,12).

4.5. A espiritualidade agostiniana dá especial importância à oração

62. Para Santo Agostinho, o bem supremo é a vida com Deus e para Deus (Carta 130,7,14). A vida feliz consiste em amar a Deus por si mesmo e a nós e ao próximo por causa Dele (Ib.). Este viver com Deus exige certos espaços e tempos dedicados à oração.

Não se pode imaginar uma relação amorosa sem tempos exclusivos para se relacionar com a pessoa amada. *"É necessário orar sempre"* (Lucas 18,1). Santo Agostinho oferece uma interpretação humana e razoável a essas palavras de Cristo, que pode ter uma especial aplicação na vida dos leigos por causa das inevitáveis limitações provenientes de uma atividade variada e complexa. Inova, identificando a oração com o desejo. A oração é um diálogo do coração que se identifica com o desejo e com o amor.

Orar é sempre desejar, amar sempre. *"Acaso estamos continuamente de joelhos ou prostrados, ou temos as mãos sempre erguidas porque nos manda orar sem cessar? Se nos for pedida tal coisa quando diz que rezemos assim, acredito que não é possível orar ininterruptamente. Há,*

pois, outra espécie de oração interior que é o desejo... Se não queres interromper a tua oração, não suspendas o desejo. Teu contínuo desejo é a voz constante de tua alma. Ficarás calado se deixares de amar. O frio do amor é o silêncio do coração e o fogo da caridade, o clamor do coração” (Comentários aos Salmos 37,14).

63. A vida toda pode se transformar num contínuo louvor a Deus: “Quando acorres à Igreja para cantar os salmos, tua voz pronuncia os louvores a Deus. Cantaste quanto te foi possível e foste embora; mas também cante tua alma os louvores a Deus. Estás ocupado com os negócios? Bendiga tua alma a Deus. Alimentas-te? Escuta o que diz o Apóstolo: quer comais, quer bebais, fazei todas as coisas para glória de Deus. Ouso dizer: Ao dormir, bendiga tua alma ao Senhor. Não te acorde o pensamento da maldade; não te acorde a decisão de furtar; não te acorde, quicá, a aliança com a depravação” (Comentários aos Salmos 102,2).

Nada mais contrário ao pensamento agostiniano, no entanto, que dar pouca importância aos tempos dedicados ao relacionamento explícito com Deus. Tempos exclusivos de oração, longos, repetidos, profundos, e a vida inteira para viver a igualdade oração-desejo.

4. 6. A espiritualidade agostiniana está a serviço da evangelização

64. “Se não distribuo a Palavra de Deus, se guardo para mim essa riqueza, sou atormentado pelo Evangelho” (Sermão 339,4). A interioridade e a reflexão preparam para receber o alimento da Palavra a fim de podê-la oferecer posteriormente aos outros. “Pela Igreja que me foi confiada devo ter o maior cuidado. Estou a serviço daquilo que lhe possa vir em seu proveito; desejo não tanto ser seu presidente quanto ser-lhe útil” (Carta 134,1).

A caridade, centro vital, teórico e prático, da espiritualidade cristã e, por isso mesmo, da espiritualidade agostiniana, tem sua razão de ser na justiça e na solidariedade. De modo que a caridade vai unida a uma nova forma de olhar a realidade e ao compromisso de transformá-la a partir do plano de Deus (Cf. A natureza e a graça 69, 83; Sermão 142,8,9).

A obra da evangelização, *dever fundamental do Povo de Deus* (Cf. Concílio Vaticano II, Decreto Ad gentes, 35), é um notório dever

agostiniano. A atenção à dimensão mística ou de interioridade, vem parar na ação evangelizadora, de acordo com os dons recebidos do Espírito Santo. “Não sejas sábio só para ti, recebe o Espírito. Em ti deve haver uma fonte, não apenas um mero depósito, donde se possa tirar algo, não onde se acumule” (Sermão 101,6).

4. 7. A espiritualidade agostiniana possui um acentuado sentido eclesial

65. A Igreja é o modelo do mundo novo renovado por Jesus Cristo. Desde Jesus Cristo, se entende e se valoriza a Igreja, que é seu corpo (Cf. Sermão 267,4). Ser Igreja, sentir com a Igreja, servir à Igreja é uma nota básica da espiritualidade agostiniana. “Sou escravo da Igreja, principalmente de seus membros mais frágeis, e não me importa saber que espécie de membro sou eu mesmo” (O trabalho dos monges 29,37). É fácil esquecer, todavia, que a Igreja universal se faz presente na Igreja particular ou diocese. E, como o Evangelho e a Eucaristia são as colunas sobre as quais se edifica a Igreja particular, a sua pregação significa a participação em suas ações evangelizadoras e em evitar dar preferência aos interesses individuais ou de grupo às “necessidades da Mãe Igreja” (Carta 48,2-3).

Falar da Igreja local é falar de toda a comunidade diocesana cujo sinal visível de unidade é o bispo. Unidade e celebração com a hierarquia. Abertura e diálogo com outras comunidades dentro de uma ampla pastoral de conjunto. Nunca devemos entender a Fraternidade Agostiniana como uma alternativa à Igreja local, antes como uma célula viva de serviço, um fermento renovador, uma presença pública da mesma Igreja.

V. ELEMENTOS BÁSICOS DE UMA FRATERNIDADE AGOSTINIANA DE LEIGOS

5.1. Vocação cristã

66. A cristã é a primeira das vocações. Antes de qualquer outro dono, “somos de Cristo, não de Pedro” (Comentários aos Salmos 44,23).

Falando de outro modo, somos cristãos, não agostinianos. Deus nos chama, como homens e mulheres num mundo histórico determinado, para que nos integremos todos juntos na Igreja e para que realizemos uma missão que não é outra senão a de evangelizar. *"Nascida, como consequência da missão de Jesus Cristo, a Igreja é, por sua vez, enviada por Ele. Ela permanece no mundo até que o Senhor da glória retorne ao Pai. Permanece como sinal, opaco e luminoso ao mesmo tempo, de uma nova presença de Jesus Cristo, de sua ida e de sua permanência. Ela o prolonga e o continua. Pois bem, é principalmente sua missão e sua condição de evangelizar o que ela está chamada a dar continuidade. Porque a comunidade dos cristãos nunca estará fechada em si mesma"* (Evangeli nuntiandi, 15).

Trata-se de termos sido escolhidos gratuitamente para formar o Povo de Deus; eleição esta imerecida e, de alguma forma, surpreendente, pois não somos os melhores nem os mais capazes. Partilhamos a miséria e a fragilidade de todos os seres humanos. Nossa qualificação mais prezada é a de termos sido eleitos e, pelo batismo, *"enraizados e edificados em Cristo"* (Colossenses 2,6-7). Como consequência do nosso batismo, sentimo-nos atraídos pelo Espírito de amor que nos impulsiona a sair de nós mesmos, a abrir-nos aos irmãos, a servir à comunidade.

67. Não se pode pensar numa forma agostiniana de vida sem a referência à nossa geração comum acontecida no batismo e não se pode pensar numa vida cristã que venha a excluir a comunidade. Para santo Agostinho vão unidas fé cristã-comunidade, fé cristã-Igreja, porque somos peregrinos deste mundo, futuros cidadãos de uma pátria *"onde não se perde o amigo nem se teme o inimigo... onde se nasce porque ninguém morre... onde se carece de fome e de sede, porque a fartura é a imortalidade e o alimento é a verdade"* (Tratados sobre o Evangelho de São João 30,7).

A espiritualidade agostiniana nos convoca a sermos homens e mulheres do mundo no coração da Igreja e homens e mulheres da Igreja no coração do mundo. Uma Igreja mãe e lar (Comentários aos Salmos 85,14; Tratados sobre o Evangelho de São João 3,1; Sermão 57,2; Sermão 56,14; Sermão 192,2...) que *"nunca esquece suas entranhas maternas"*

(Sermão 352,9). Igreja que queremos experimentar como lugar de comunhão e participação, e ser nela o povo novo das bem-aventuranças, sem outra segurança que a de sentir-nos amados e chamados por Cristo, de coração simples, contemplativos, para poder descobrir o mistério e a mensagem da vida, atentos para ler e interpretar os sinais dos tempos, construtores da paz, portadores de alegria e de esperança porque sempre é possível renascer.

68. É responsabilidade dos leigos comprometer-se com as realidades temporais para pô-las a serviço da instauração do Reino de Deus. O mundo é o nosso local de trabalho e o lote onde devemos construir o Reino. Santo Agostinho nos deixou os planos de uma cidade, a Cidade de Deus, assentada sobre as bases da paz, da justiça, da cooperação. Nossa fé não é um parêntese, e sim uma presença viva e produtiva de Deus no cenário político, social e familiar onde nos movemos. Sabemos que, para sermos fermento do Evangelho, teremos de ocupar o nosso espaço no mundo, usar de uma paciente pedagogia de misericórdia e estarmos convictos de que ninguém muda quando se considera condenado, mas, isto sim, quando se sente amado gratuitamente.

5. 2. *Vocação comunitária*

69. Num ambiente onde abundam as reivindicações que exigem uma fé particular de cada um, as comunidades cristãs de leigos se apresentam como alternativa para progredir em modelos diversificados de vida. Frente a uma sociedade de relações interesseiras e mercantis, as comunidades cristãs dão espaço a uma nova sensibilidade e a um modelo diferente de relacionamento humano.

O termo comunidade tem deixado de ser patrimônio exclusivo da linguagem religiosa e aparece unido a projetos tanto econômicos como culturais. Muitas das vezes, essa palavra é usada com manifesto esquecimento das pessoas, e nem sempre com mentalidade adequada ao critério agostiniano de antepor os interesses comuns aos próprios.

Falar de comunidade não responde a um modismo, e tampouco se trata de uma criação artificial. O ser humano se coloca, desde seu

nascimento, na estrada que leva à socialização. A plenitude de nosso ser consiste em amar. *"O homem é, com efeito, por sua íntima natureza, um ser sociável, e não pode viver nem desenvolver suas qualidades sem relacionar-se com os outros"* (Constituição sobre a Igreja no mundo atual 1,13). De tal modo isto é verdade, que a comunidade responde a uma das aspirações humanas mais profunda e se torna tarefa que abrange a vida toda. E isso seja no âmbito da vivência familiar seja no da comunidade laical. É um ideal, uma conquista somente atingível mediante uma clara consciência de que a ela pertencemos e de atitudes fortes de compreensão, de diálogo, de participação. Por isso, acaba sendo um aprendizado dinâmico e inovador que nunca chega ao fim.

70. A comunidade só se constrói contando com as pessoas. *"Nós, pois, todos os que cremos, não somos congregados a um mesmo tempo, mas aos poucos, e cada um em particular, numa determinada cidade e numa população de Deus; todavia, também em cada um de nós em particular acontecem estas coisas que estão escritas e acontecem no povo. Assim, pois, o povo é a soma dos indivíduos, porém os indivíduos não são a soma de uma população. Acaso um homem provém de vários povos? O povo se compõe de cada um dos homens cidadãos"* (Comentários aos Salmos 106,3). Isto quer dizer que ser comunidade pressupõe que cada pessoa é ela mesma e, sem deixar sua originalidade, vive um projeto comum.

Por causa dos indivíduos é possível a existência da comunidade. A comunidade não surge de um programa maravilhoso, como tampouco de relações afetivas profundas, e sim de uma disposição de comunhão. *"Somos chamados à união de corações e por ela devemos envidar todos os nossos esforços"* (Tratados sobre o Evangelho de São João 34,10).

Os pontos de vista humanos (sobretudo os psicológicos), estruturais e funcionais, são importantes, mas não podemos esquecer que o grande motivo de criar vínculos interpessoais agostinianos é o de *"ter uma só alma e um só coração em direção a Deus"* (Regra 1,3). Também o Vaticano II sugere vínculos espirituais na família, *"espécie de Igreja doméstica"* (Lumen gentium 2,11), que vão além dos laços de sangue.

71. Não são suficientes os elos de amizade para garantir a consistência e a estabilidade da comunidade e nem podemos ignorar que a aceitação dos outros – essa forma de dar-nos mutuamente autorização para sermos como somos – e a comunhão num certo grau de profundidade exigem um esforço corajoso por parte de todos.

O laicato agostiniano não busca na comunidade tão-só amigos, nem formar um grupo isolado feito à medida de suas preferências e de sua sensibilidade religiosa. Formamos a comunidade ou a fraternidade, porque é aí onde podemos viver de modo efetivo a espiritualidade de Santo Agostinho como meio privilegiado de conhecer e manifestar a vocação cristã. E não devemos esquecer que a comunidade inspirada no pensamento agostiniano tem seu ponto de referência na Igreja-comunhão, que leva à abertura e à co-responsabilidade na missão da Igreja.

Uma das principais ações pastorais em relação ao laicato é evitar a criação de grupos introvertidos numa espiritualidade de intimidade pessoal e afastados das chamadas realidades temporais. Continua a ser necessária a advertência dos Bispos reunidos em Santo Domingos: *"Evitar que os leigos limitem sua ação ao âmbito puramente interior da Igreja, impulsando-os a penetrar nos ambientes sócio-culturais e a serem neles os protagonistas da transformação da sociedade à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja"* IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, Santo Domingos 1992, n. 98).

5. 3. Vocação missionária

72. Uma vez que a Fraternidade Agostiniana é uma das células da Igreja, necessariamente tem de ser missionária. *"Evangelizar constitui, efetivamente, a dita e a vocação própria da Igreja, sua identidade mais profunda"* (Evangelii nuntiandi, 14). A comunidade que se fecha em si mesma, além de aproximar-se aos poucos da extinção, não é cristã.

Mesmo que o grupo ao qual a comunidade imediatamente pertence seja uma Fraternidade Agostiniana específica, o grupo de referência é a Igreja, o Reino de Deus, o mundo. Esta dimensão universal significa que a perspectiva se amplia e a comunidade se coloca em vistas à missão.

A consciência de compreender a fé como missão leva a definir a comunidade cristã – e portanto, a comunidade agostiniana – como sinal

que faz ver a salvação realizada por Jesus Cristo. Mover-se claramente nesta direção de eclesialidade e de abertura ao mundo é precisamente um dos mandamentos agostinianos. *"Anunciai, pois, a Cristo onde possais, aos que possais e como possais. Pede-se a vós a fé, não a eloquência; fale em vós a fé, e assim será Cristo quem fale. Pois, se tiverdes fé, Cristo habitará em vós. Tendes escutado o salmo: Acreditei, e por isso falei. Não conseguiu crer e ficar calado. É ingrato para quem o alimenta aquele que não dá; todos devem dar daquilo de que têm sido repletos"* (Sermão 260 E,2).

A solicitude missionária é uma tendência sempre continuada nas obras de santo Agostinho. De modo especial, nos Sermões. *"Conclama, empenha-te em que amem a Deus quantos pudeses persuadir, quantos pudeses convidar; Ele é tudo para todos e tudo para cada um"* (Sermão 179 A,4). Por isso – comentando o que diz o profeta Ezequiel que se sente forçado por Deus a falar até àqueles que não querem escutar sua voz (Ez 3,5-7 e 33,8-9) – proclama ante os fiéis de Hipona que não quer ser salvo se eles não se salvam também. *"Se eu calar, encontrar-me-ei não só num grande perigo, como também na perdição irreparável. (...) Faço tudo isso com a única intenção de que vivamos juntos em Cristo. Esta é toda a minha ambição, meu gozo, minha honra, toda minha herança e toda minha glória. Se eu continuar a falar e não me ouvís, eu salvarei a minha alma. Porém, não quero me salvar sem vós"* (Sermão 17,2).

73. Evangelizar é consequência do encontro com Jesus Cristo. *"O encontro com o Senhor produz uma profunda transformação nos que não se fecham a Ele. O primeiro impulso que surge desta transformação é comunicar aos outros a riqueza adquirida pela experiência deste encontro"* (Exortação Apostólica Pós-sinodal Ecclesia in America, n. 68, 1999). De tal modo que *"se Ele não te inundar, secarás"* (Sermão 284,1).

Nos tempos de Santo Agostinho vivia-se o confronto da Igreja católica com outros grupos manifestamente beligerantes. A proposta da mensagem evangélica tropeça sempre com novas e diferentes barreiras. A afirmação é clara: *"Não perca a esperança: orai, pregai, amai"* (Tratados sobre o Evangelho de São João 6,24).

VI. SINAIS DE IDENTIDADE DE UMA FRATERNIDADE AGOSTINIANA DE LEIGOS

74. Os Atos dos Apóstolos e a espiritualidade agostiniana são as fontes que inspiram o projeto de uma Fraternidade Agostiniana de Leigos. O capítulo quarto dos Atos dos Apóstolos, particularmente, do versículo 32 ao 35, servia de modelo básico a Santo Agostinho na hora de pensar em seu ideal de comunidade. Fazer realidade o jeito de vida daqueles primeiros cristãos constituiu seu sonho. A Igreja de Jerusalém estava formada por homens e mulheres de fé que tinham um coração e uma alma só, e ninguém se considerava proprietário de nada, porque tinham tudo em comum. Uma característica peculiar do grupo era a partilha (Cf. Atos dos Apóstolos 4,32-35).

Outra fonte de inspiração é, naturalmente, a espiritualidade agostiniana. A Bíblia e Santo Agostinho são os pontos de referência da Fraternidade Agostiniana. Trata-se de um duplo olhar que nunca se pode esquecer para que o grupo não venha a perder a sua identidade.

Com respeito à espiritualidade agostiniana, já temos mostrado um itinerário que pode sintetizar a caminhada de santo Agostinho para viver a experiência da fé cristã. Aqui, apenas destacaremos algumas notas que, a partir desta mesma espiritualidade, marcam o perfil da Fraternidade Agostiniana.

6. 1. Comunidade cristocêntrica

75. O cristão, e portanto toda comunidade cristã, se identifica como seguidor de Cristo. Ele é *"a salvação enviada por Deus"* (Comentários aos Salmos 49,31) que nos revela o Pai e nos convoca à fraternidade. *Ele é a fonte da vida: aproxima-te, bebe e vive; é a luz: aproxima-te, apropria-te dela e vê. Se Ele não te inundar, secarás"* (Sermão 284,1).

A fé e o seguimento a Jesus são consequência de nosso batismo. Recuperar o lugar central de Cristo na evangelização e na catequese não é senão um retorno à autêntica dimensão da pregação cristã. Este mesmo caminho deve seguir toda e qualquer espiritualidade (Cf. Encíclica Redemptoris missio, de João Paulo II, 1990; Documento final da IV

Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, Santo Domingos 1992, Carta Apostólica Tertio millenio adveniente, 1994...).

Santo Agostinho não pode ser mais claro quando fala da necessidade que temos de Jesus Cristo: *“Aquele que crê que pode dar fruto por si mesmo não está unido à videira; quem não está unido à videira não está unido a Cristo, e quem não está unido a Cristo não é cristão”* (Tratados sobre o Evangelho de São João 81,2). *“Uni-vos a Ele com amor incansável como à pedra angular”* (Sermão 200,3,4).

Uma qualificação realmente original que Santo Agostinho dá ao evangelizador é o de mãe de Cristo. *“Não é para vós coisa estranha, não é coisa desproporcionada e nem coisa que repugne: fostes filhos, sede também mães. Quando fostes batizados, então nascestes filhos dessa mãe comum, membros de Cristo. Trazei agora à pia do batismo aos que possais; deste modo, da forma que fostes filhos quando nascestes, também agora, conduzindo aos que irão nascer, podereis ser mães de Cristo”* (Sermão 72 A,8). Como Maria, levamos Cristo no coração (Cf. A santa virgindade 3,3) e assim experimentamos a salvação de Deus, porque *“não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual possamos ser salvos”* (Atos 4,12).

76. Por sua vez, Jesus Cristo é o homem tal qual foi imaginado por Deus, o homem perfeito que proclama o amor universal e anuncia ao Pai e a seu Reino como única coisa que importa. *“Fez bem todas as coisas”* (Marcos 7,37), pelo que sua vida é uma presença sem mácula da humanidade. *“Ecce homo”* (João 19,5) - Eis o homem - dirá Pilatos numa expressão que vai além do sentido de suas palavras. Jesus Cristo, portanto, além de ser evangelho e revelação de Deus, é revelação do homem. Deus presenteia o ser humano com um destino: Jesus Cristo, centro da história e modelo exemplar de tudo quanto é humano. *“Todo homem é Adão... todo homem é Cristo”*, em expressão agostiniana (Comentários aos Salmos 70,2,1).

6. 2. Comunidade que estuda a Bíblia

77. Tem-se procurado distanciar, erroneamente, a fé do pensamento. Quem não tem coragem de pensar naquilo em que acredita

corre o risco de viver num raquitismo religioso irresponsável. Santo Agostinho refletiu sem descanso sobre os conteúdos de sua fé. A Sagrada Escritura foi o livro de estudo permanente, pois estava convicto de que *“tudo quanto contém a nossa fé, e que de nenhuma forma a razão tem procurado investigar, deve ter como alicerce os testemunhos das divinas Escrituras”* (Natureza do bem 24). De tal modo que *“o homem fala mais ou menos sabiamente conforme for o seu progresso nas divinas Escrituras”* (A doutrina cristã 4,5,7).

Uma comunidade eclesial deve estar sempre atenta a conhecer a mensagem verdadeira da Palavra de Deus. *“Esforça-te para entender corretamente, pois nem sequer as mesmas Escrituras, que recomendam a fé para compreender os mistérios, podem ser úteis, se não as interpretas corretamente”* (Carta 120,3,13).

Marginalizar o estudo da Bíblia seria esquecer que ela é o alimento essencial da espiritualidade cristã e dar as costas ao testemunho de Santo Agostinho. *“Há tão profunda sabedoria não só nas palavras com que se apresentam os problemas, mas também nos problemas reais que se pretendem desvendar, que aos mais decididos, penetrantes, ardorosos no empenho de conhecer, lhes acontece o que a mesma Escritura diz: Quando o homem acaba, então é quando começa”* Carta 137,1,3). Essa advertência pode ser válida para justificar e animar a formação contínua.

Uma das tarefas pastorais mais necessária na Igreja – que urge a todos os seus membros – é o estudo consciencioso dos conteúdos da fé cristã. O diálogo da fé com a cultura e a efetivação da fé nos diferentes modelos culturais são tarefas inadiáveis. A formação é fonte nutritiva de espiritualidade, leva a viver segundo o Espírito e capacita para a missão.

6. 3. A comunidade que ora e celebra

78. O esquecimento da oração por uma parte e a celebração por outra faz com que algumas comunidades se tornassem grupos de discussão e de desentendimento. Tudo é incompleto se a vida da comunidade não tem seus tempos contemplativos e de celebração. A Bíblia, estudada e pesquisada dia a dia, celebra-se na liturgia, de modo especial nos sacramentos.

Santo Agostinho é um dos grandes homens de oração de todos os tempos. As Confissões são a oração de um homem que reconhece, com olhos de gratidão, a ação salvadora de Deus em sua vida. *“Quão tarde comecei a amar-te, beleza sempre antiga e sempre nova, quão tarde te amei! Tu te encontravas dentro de mim e eu fora, e por fora eu te buscava... Tu estavas comigo, porém eu não estava contigo... Mas tu me chamaste e me gritaste e quebraste minha surdez; brilhaste e resplandeceste e apagaste minha cegueira; derramaste teu perfume e eu o aspirei e agora suspiro por ti: deste-me a degustar a ti em pessoa, e agora sinto fome e sede de ti; tocaste-me e agora me abraso na paz que de ti procede”* (Confissões 10,27,38).

79. Os grandes vultos bíblicos de oração – Moisés, Abraão, Samuel, Maria... – manifestam-se em sua própria forma de viver. Sua oração forma parte da vida, surge do cotidiano e responde a situações concretas.

Há um delineamento perigoso quando se fala de oração-contemplação, por um lado, e de oração-compromisso pelo outro. Sem um olhar contemplativo, todas as melhores ações missionárias não passam de projetos humanos. Da mesma forma, a contemplação que não toma corpo na prática da realidade também não é cristã, porque lhe falta a concretização.

A oração é o coração e a alma da comunidade. Envolve o ser humano num clima de presença de Deus, de igualdade, de perdão e de gratidão, que estreita os vínculos interpessoais. Oração que deve dar preferência às necessidades alheias acima das próprias. *“A Deus agrada mais a súplica pelos outros do que a súplica por si mesmo, já que nela se oferece um sacrifício de caridade”* (Carta 20,2).

80. Além de grupo humano, a Fraternidade Agostiniana também é assembléia litúrgica. A liturgia nos convoca a viver o Evangelho, a levá-lo ao mundo e a encontrar, na celebração, a força e a razão de praticar essas mesmas coisas. O centro da ação litúrgica é a Igreja, o de sua ação pastoral é a Eucaristia..

De igual forma que a Eucaristia representa e constitui a Igreja, também representa e constitui a comunidade. A Eucaristia é, sobretudo,

sinal de unidade. Unidade da Igreja e unidade da comunidade. *“Como se prepara o pão? Tritura-se e mói-se; molha-se e assa-se... Assim como de muitos grãos reunidos, e de certa forma misturados entre si mediante a água, se faz um só pão, da mesma forma, mediante a concórdia da caridade, obtém-se o único corpo de Cristo. O que falamos dos grãos com respeito ao corpo de Cristo, haveremos de dizer dos cachos com respeito ao sangue, pois também o vinho flui do lagar, e o que se encontrava em muitas uvas por separado, conflui na unidade e se transforma em vinho. Assim, portanto, seja no pão seja no vinho se encontra o mistério da unidade”* (Sermão 229 A,2).

A comunhão eucarística dá origem, também, à comunidade humana que quebra fronteiras e integra no amor legítimas diferenças. O grande sacramento do amor é a Eucaristia, só que o amor verdadeiro não se desliga da justiça; o amor a Deus caminha sempre de mãos dadas com o amor ao próximo (Cf. Comentários aos Salmos 25,1,12). *“A caridade grande é a justiça grande e a caridade perfeita é a perfeita justiça”* (A natureza e a graça 70,84).

6. 4. Comunidade fraterna e solidária

81. Na Igreja, foi ganhando espaço a proposta esperançosa das pequenas comunidades. Um dos riscos da comunidade é que se possa restringir ao círculo fechado de pessoas conhecidas.

Todavia, para que possamos falar de fraternidade, temos de somar aos laços de amizade ou de comunicação, a presença de Jesus Cristo. A comunidade não é fruto do empenho de umas pessoas que tomam a determinação firme de agrupar-se, mas antes dom de Deus, que está acima de todos os esforços humanos.

82. Uma comunidade poderá ser chamada de cristã, e de forma especial agostiniana, se consegue superar a prova da solidariedade. Solidariedade que se traduz numa predileção significativa pelos pobres e marginalizados. Com uma formulação impossível de ser mais contundente, Santo Agostinho afirma: *“As coisas supérfluas dos ricos são necessárias aos pobres. Possuem-se bens alheios sempre que se possuem bens supérfluos”* (Comentários aos Salmos 147,12).

Na comunicação de bens, ganha quem recebe e ganha quem dá. *"O rico e o pobre se opõem entre si, mas também se necessitam mutuamente... O rico está feito para o pobre e o pobre para o rico... O pobre é a rota rumo ao céu pela qual se chega ao Pai. Começa, pois, a dar, se não queres extraviar-te. Rompe nesta vida as cadeias de teu patrimônio que te mantém firmemente amarrado, a fim de que possas aproximar-te livremente do céu.; livra-te do peso das riquezas, joga para longe os grilhões adquiridos por livre vontade; acaba com as preocupações e aborrecimentos que te tiram a paz por tantos anos... Dá a Cristo na terra para tê-lo de volta no céu... A vida presente é vulnerável e está propensa à morte. Ninguém pode ficar nela; todos somos obrigados a partir... Vamos, mesmo que não queiramos... Se tivermos despachado algo na nossa frente, não chegaremos a uma estalagem vazia. Com efeito, o que damos aos pobres é enviado na nossa frente; ao contrário, do que nos apoderamos, aqui o abandonamos"* (Sermão 367,3).

Não vale a desculpa de que vivemos num bairro de pessoas acomodadas, longe da linha de pobreza que rodeia todas as nossas cidades. *"Se quiserdes buscar, achareis indigência em muitos servos de Deus. Porém, se não os encontrardes, é porque gostais de justificar-vos com estas palavras: não sabíamos"* (Comentários aos Salmos 103,3,10).

O marcante senso comunitário de Santo Agostinho e o ideal da primitiva comunidade cristã de Jerusalém o induzem a criticar severamente a propriedade privada. *"Muitas pessoas, para não ter que reservar um lugar para o Senhor, buscam o próprio, amam o próprio, se comprazem no seu próprio poder, anelam seu próprio interesse. Quem quer fazer um lugar para o Senhor não deve usufruir do particular e sim do comum... Abstenhamo-nos também nós, irmãos, da propriedade privada, pelo menos com nosso afeto, se é que não podemos nos desprender da posse, e assim prepararemos um lugar para o Senhor"* (Comentários aos Salmos 131,5-6)

6. 5. Comunidade agostiniana

83. Se não repararmos bem, pode parecer uma redundância dizer que um dos sinais de identidade da Fraternidade Agostiniana é o fato de ser agostiniana. Esta anotação, no entanto, não deixa de ser necessária se

a interpretamos em seu duplo sentido. Significa, por um lado, que se inspira na espiritualidade agostiniana e que se pretende vivê-la com sinceridade. Pelo outro, que se insere na Família Agostiniana e mantém relação estreita com a comunidade religiosa agostiniana mais próxima.

A inspiração agostiniana é o ponto de partida e, ao mesmo tempo, projeto sempre inacabado. A relação com a comunidade agostiniana pode-se enquadrar na marco traçado pela Exortação Apostólica *A vida consagrada* (João Paulo II,1996). *"Podemos dizer que iniciou um novo capítulo, rico de esperanças, na história das relações entre as pessoas consagradas e o laicato"* (n.54). A comunidade religiosa e a comunidade de leigos são realizações concretas da comunhão eclesial, na qual cada estado de vida e cada pessoa se completam na fraternidade gerada por um mesmo batismo, que também tem em suas raízes a consagração religiosa.

84. O empenho atual, a partir da eclesiologia do Concílio Vaticano II, de criar uma comunhão eclesial viva e participativa tem ocasionado o descobrimento de vocação laical. Vocação esta que vai abrindo novos caminhos de consagração e, sobretudo, de seguimento a Jesus Cristo, usando a mediação das diversas formas de espiritualidade cristã, que são patrimônio da Igreja e não só de um determinado grupo.

Carismas diferentes podem confluir numa única espiritualidade: religiosos e leigos, por exemplo, participando da espiritualidade agostiniana. Esta idêntica espiritualidade, que de modo algum significa subjugar a vida laical, e sim oferecer o potencial evangélico da espiritualidade agostiniana como dom do Espírito que aperfeiçoa toda a Igreja, vem a ser um forte vínculo de relação que é chamado a se fazer visível por meio de sinais específicos.

85. As obras encomendadas aos agostinianos – Paróquias, Santuários, Colégios, Missões, Residências... – vêm a ser um meio de relacionamento com muitas pessoas. Algumas delas desenvolvem seu trabalho nessas mesmas obras, outras, em algum momento de suas vidas, têm-se encontrado com Santo Agostinho e se sentem atraídas por sua mensagem ou por sua aventura vital. O apelo da amizade, da interioridade,

ou da busca da verdade, faz surgir, com freqüência, o interesse pelo mundo agostiniano.

São essas pessoas as que, por caminhos diversos, podem manifestar o desejo, ou mesmo receber o convite, de entrar no círculo da espiritualidade agostiniana. Primeiramente, aqueles que desenvolvem atividades num âmbito confiado aos agostinianos (educadores, catequistas, colaboradores nas diferentes atividades paroquiais...). É a mudança de partilhar um trabalho a partilhar uma espiritualidade e uma missão. Em segundo lugar, as pessoas que são beneficiárias desse trabalho. No campo paroquial é mais difícil mostrar exemplos; já no educativo, bem diferentemente, é fácil mencionar os pais de família, os ex-alunos...

86. Projeta-se, inevitavelmente, um relacionamento novo e diferente entre leigos e religiosos, e a presença recíproca de religiosos nas Fraternidades Agostinianas e de leigos nas comunidades religiosas (Cf. A vida consagrada,56). Religiosos e leigos podem viver, a partir de duas vocações bem diferenciadas, um mesmo batismo, uma idêntica missão e uma mesma espiritualidade. As formas de participação, os momentos de convivência ou de celebração da fé, responderão às circunstâncias peculiares de cada caso. Antes disso, está o tríplice desafio da comunhão, da diferença e da co-responsabilidade. Sem esquecer, porém, que uma mesma espiritualidade – a espiritualidade agostiniana – é a que rege as diversas formas de se viver a única vocação cristã.

Estamos perante um caminho que nos leva ao desafio de novas relações dentro da Igreja. Para que a comunhão e a co-responsabilidade sejam realidades vivas, é preciso uma caminhada de verdadeira conversão. O resultado será uma imagem mais articulada e completa da Igreja e o aparecimento de respostas aos grandes desafios de nosso tempo mediante a contribuição conjunta dos diferentes dons (Cf. A vida consagrada,54).

Por ocasião da Festa de Pentecostes do ano Jubilar de 2000, o Prior Geral da Ordem, Pe. Miguel Ángel Orcasitas, publicou uma carta intitulada “somos comunidade de irmãos que vive com o povo de Deus” (Roma, 11 de junho de 2000, Prot. N 211/ 2000. Escreve ele: “*Todos, religiosos e leigos, precisamos nos abrir ao processo de mudança que vem se desenvolvendo na Igreja. A Espiritualidade agostiniana é criadora*

de uma atmosfera de comunhão, de participação, de liberdade. Se tivermos receio de perdermos esses dons em operações de risco, poderemos nos converter em colecionadores de prejuízos e cairmos na infidelidade a nosso carisma”.

Nessa mesma carta adverte que “*para nenhuma comunidade, a integração dos leigos nas suas obras deve ser por motivo de necessidade. Menos ainda em se tratando de uma comunidade agostiniana, embora seja verdade que a sociologia acelera os processos reflexivos e as decisões de ação. A imagem que da Igreja nos deixou o Vaticano II como ‘Povo de Deus’ restabelece o ministério da hierarquia como serviço, convidando os leigos a assumirem sua participação na tríplice função de Cristo: profética, sacerdotal e régia”.*

SEGUNDA PARTE:

ASPECTOS ESTRUTURAIS

VII. OS LEIGOS NA FAMÍLIA AGOSTINIANA

87. Pertencer a uma Fraternidade Agostiniana inclui saber onde se situam os leigos na Família Agostiniana. É conveniente, então, ter diante de si um esquema fiel a critérios históricos. O lugar de cada membro não significa hierarquia, mas isto sim, esclarecimento de vocações e de ministérios. *“Toda a Família Agostiniana se compõe, segundo a Sé Apostólica, de quatro ramas ou partes: Irmãos sob a jurisdição do Prior Geral; Irmãs de vida contemplativa; Congregações religiosas de vida apostólica e Fraternidades seculares; e sociedades erigidas sob o título e magistério de santo Agostinho”* (Constituições O. S. A., n.44)

RELIGIOSOS

Agostinianos. (Aparecem com as siglas O. S. A., Ordem de Santo Agostinho)

Consideram a santo Agostinho como Pai, Mestre e Guia espiritual. Dele recebem não só a Regra e o nome, mas também a doutrina e a espiritualidade (Cf. ORCASITAS, M.Á., *750 anos a serviço da Igreja*, Roma, 16 de dezembro de 1993).

A Ordem de Santo Agostinho apresenta-se na Igreja como *fraternidade apostólica* (Constituições O.S.A., n.7). Recebe de Santo Agostinho o modelo de fraternidade que praticaram os Apóstolos e da Igreja, a missão do apostolado. Estes dois aspectos complementares, um interno e outro externo, definem aos agostinianos.

Sua presença apostólica é variada, com particular acento no mundo da cultura, da ação paroquial e das missões.

Agostinianas. (Rama contemplativa feminina ou monjas).

Ocupam um posto proeminente na Ordem Agostiniana. A dimensão que caracteriza e dá nome à sua vida é a contemplação.

Manifestam esta dimensão contemplativa por meio da liturgia, da comunhão no amor fraterno, da oração, da leitura da Escritura, do estudo da espiritualidade agostiniana e da vida religiosa, do trabalho, seja ele manual ou intelectual. Com sua vida e sua missão, testemunham o domínio de Deus sobre a história e contribuem, com misteriosa fecundidade apostólica, ao crescimento do povo de Deus (Cf. A vida consagrada,8).

Congregações Agregadas

São muitas as Congregações, fundamentalmente de religiosas, anexadas à Ordem. Cada uma delas tem seu fundador ou fundadora e ainda seu peculiar carisma. Regem-se por suas próprias Constituições. Seguem a Regra de Santo Agostinho e também o consideram Pai espiritual. São fonte de muita riqueza para toda a Família Agostiniana e se beneficiam dos bens espirituais da Ordem.

LEIGOS

Fraternidade de vida consagrada "COMMUNIO"

São leigos, porém consagrados por meio dos conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência.

Fraternidades Agostinianas de Leigos

Integradas pelos Agostinianos(as) Leigos. É a seção mais numerosa e flexível.

O aspecto de organização ocupa, propositadamente, um espaço menor neste texto. De preferência, nele temos querido realçar, como denominador comum das Fraternidades Agostinianas de Leigos, uma espiritualidade e não uma travessão jurídica perfeitamente articulada.

7. 1. COMMUNIO: Uma fraternidade agostiniana de leigos de vida consagrada

88. Faz parte da Ordem Agostiniana, segundo a norma das Constituições da mesma Ordem (art. 48), com Estatutos e estrutura próprios (Cf. Decreto do Prior Geral O.S.A., 31 de julho de 1991, Prot. 261/91). O nome de "Communio" (comunhão) expressa sua finalidade

essencial de ser instrumento de comunhão, de fraternidade e de solidariedade dentro da Igreja e da sociedade, segundo o ideal agostiniano de "um só coração e uma só alma dirigidos a Deus" (Cf. Regra de Santo Agostinho,3).

Enquadra-se na linha das *novas formas de vida consagrada*, sugeridas pela Exortação Apostólica de S.S. João Paulo II, *Vita consecrata* (n.62), com características de certa forma originais com respeito às tradicionais (Cf. A vida consagrada, n.62).

Os membros de Communio são leigos consagrados que seguem a Jesus Cristo e têm, como guia, a Santo Agostinho. Como leigos, vivem sua condição secular em seu próprio ambiente social e eclesial. Consagram-se a Deus e à causa do Reino mediante os conselhos evangélicos, para seguir mais de perto a Jesus Cristo e para servir de fermento que venha a contribuir para a santificação das realidades terrenas.

89. A Fraternidade Communio se articula em três setores:

1) *Consagrados agostinianos e consagradas agostinianas*
Homens e mulheres que se consagram por meio da castidade perfeita.

Podem viver sozinhos, em família ou em pequenas comunidades. Estabelecer essas comunidades e aprovar as normas oportunas são competências do Prior Geral O.S.A.

2) *Famílias agostinianas*

Esposos que querem viver a condição familiar, segundo os conselhos evangélicos. Esposo e esposa devem ser membros dessa Família ao mesmo tempo.

3) *Jovens por Cristo*

Vivem temporariamente uma vida evangélica consagrada, como preparação para seus futuros compromissos. Devem ter cumprido os dezoito anos e não ter chegado aos vinte e seis.

90. Communio estrutura-se em Fraternidades locais, formadas, sempre que for possível, ao lado de alguma comunidade religiosa agostiniana (de Religiosos, de Freiras ou de Religiosas de vida ativa). Cada uma das fraternidades tem um responsável com seu conselho e um Assistente Religioso, nomeado pelo Prior Geral.

O caminho para a consagração prevê diversas fases de formação e de provação até chegar aos votos solenes, assim como as modalidades canônicas para um eventual abandono da Fraternidade.

De igual forma, está determinado o rito e a fórmula de consagração, o modo de governo da Fraternidade, a periodicidade das reuniões, os momentos de oração comunitária, os Exercícios Espirituais... (Cf. Estatutos da Fraternidade Agostiniana de Leigos de Vida Consagrada Communio).

Communio pode ter, também, membros "associados": homens e mulheres que, não podendo emitir os votos por qualquer motivo que seja, querem, no entanto, viver no espírito da fraternidade e participar, enquanto for possível, da sua vida e atividades.

7. 2. FRATERNIDADES AGOSTINIANAS DE LEIGOS: AGOSTINIANOS LEIGOS

91. Integradas por leigos - homens e mulheres - que, chamados a viver a dimensão comunitária da fé cristã, desejam efetivar em si mesmos o evangelho, sob a inspiração da espiritualidade agostiniana.

Como cristãos, comprometidos com o projeto de Deus sobre a história e sobre o ser humano. Como vinculados à herança de santo Agostinho, unidos à Família Agostiniana, que se faz presente no mundo inteiro, e testemunhas dos valores que configuram a visão agostiniana a respeito do homem e a respeito da vida cristã.

Seu lugar de vida e de evangelização não é outro senão o mundo, a família, o trabalho, a cultura... Um mundo onde se desenvolve a história da salvação e, portanto, lugar de confluência da liberdade humana e de Deus.

Regem-se por Estatutos próprios, de acordo com as circunstâncias culturais, geográficas ou sociais do próprio grupo, aprovados pelo Prior Geral O.S.A.

VIII. ELEMENTOS COMUNS A UMA FRATERNIDADE AGOSTINIANA DE LEIGOS E SUGESTÕES PRÁTICAS

8. 1. Convocatória e primeiros passos

92. A iniciativa pode partir de uma Comunidade Religiosa Agostiniana ou de um grupo de leigos. Lá, onde houver uma Comunidade

Religiosa Agostiniana, existe uma presença de espiritualidade agostiniana que se manifesta mediante a liturgia, o trabalho, a convivência... Esta carteira de identidade deve ser convertida em carta de apresentação e sugerir, no âmbito humano onde está inscrita a comunidade, a possibilidade de partilhar essa espiritualidade fora da modalidade da vida consagrada.

Também podem ser alguns leigos os que venham a sugerir a possibilidade de associabilidade. Tanto num caso como no outro, há alguns antecedentes importantes: definir com clareza, desde o início, o perfil do grupo, vinculá-lo a uma Comunidade Religiosa Agostiniana; responsabilizar um Agostiniano para que o acompanhe; contar com um número de pessoas maduras e responsáveis para principiar a formação da comunidade; montar uma estrutura funcional.

93. Por que fracassam alguns projetos comunitários? As múltiplas respostas podem resumir-se em três: a falta de definição do próprio grupo, a heterogeneidade de seus membros (no tocante à idade, modo de pensar, expectativas ante o grupo...) e a falta de compromisso na formação da comunidade.

É necessário ter toda a paciência possível para com as pessoas, porém sem esquecer que é indispensável que sejam estimulados os processos de crescimento e participação. A comunidade não é um grupo de terapia pessoal, nem uma ilha de refúgio, como também não se pode transigir com uma atitude permanente de passividade.

É importante evitar um grupo numeroso, pois não vamos organizar conferências sobre a Bíblia ou sobre Santo Agostinho, e nem diálogos a respeito da verdade e sua possibilidade de ser conhecida. O tema central do grupo é o de conhecer e viver a consagração batismal a partir da espiritualidade agostiniana. Reunimo-nos para compartilhar o que há de melhor na vida: a fé e a amizade. A fé é o grande presente que Deus nos tem dado; a amizade é o bem mais valioso que nós podemos dar.

94. A fé e sua expressão comunitária exigem um âmbito de confiança, de amizade e de liberdade que pode ver-se obstruído se o número de pessoas do grupo exceder certos limites.

Há grupos que, após um início de muito entusiasmo, caem logo na desorientação e na fadiga desgastados pelo fato de caminhar sem um rumo definido. Da mesma forma que é uma temeridade construir um edifício, ignorando as plantas, também o é iniciar o projeto de uma Fraternidade sem temário, sem objetivos e sem atividades. As dificuldades tornam-se maiores quando faltam um itinerário e umas etapas a percorrer. Cada qual se pergunta: Qual vai ser o próximo passo? Estamos trilhando um processo verdadeiro de vida cristã?

8. 2. Conteúdos de um Estatuto modelo

8.2.1. Natureza ou identidade

95. A Fraternidade Agostiniana está formada por fiéis cristãos, homens e mulheres do mundo no coração da Igreja, e homens e mulheres da Igreja no coração do mundo, empenhados em “*ter uma só alma e um só coração direcionados a Deus*”, para viverem juntos a vocação batismal. Comprometidos a partilhar o fato de serem cristãos a partir da espiritualidade de Santo Agostinho e unidos por um vínculo particular à Ordem Agostiniana.

Cada Fraternidade deve estar unida a uma Comunidade Religiosa da Ordem de santo Agostinho. Esse será o sinal visível de relacionamento com a Ordem e de comunhão com a Família Agostiniana. Ainda, no caso de que no lugar onde houver uma Fraternidade não exista uma Comunidade Religiosa Agostiniana, ela será anexada à mais próxima.

8.2.2. Constituição de uma Fraternidade Agostiniana de Leigos

96. A fundação de uma Fraternidade corresponde ao Prior Geral O.S.A., mediante o Decreto correspondente.

Para erigir canonicamente uma Fraternidade Agostiniana se requer:

- a) Petição por escrito por parte de um Superior Maior da Ordem.
- b) Consentimento do Ordinário do lugar, se não houver na Diocese uma Comunidade Agostiniana canonicamente erigida (CIC 312,2).
- c) Aprovação por parte do Pe. Geral, o qual também aprova, diretamente ou mediante delegação, os Estatutos particulares de cada Fraternidade.

d) Cada Fraternidade, por sua vez, poderá ter caráter jurídico civil, de acordo com a legislação do próprio país.

Compartilhar um mesmo espírito e uma mesma missão, mesmo que se trate de vocações diferentes, exige o conhecimento mútuo, certas relações de confiança e a convicção fundamental de que a unidade e a comunhão são elementos básicos da espiritualidade agostiniana.

8.2.3. Finalidade ou objetivos

97. - A resposta pessoal à vocação da fé cristã.

- A missão evangelizadora.
- A busca em comum de Deus.
- A relação de fraternidade para com todos.
- A vinculação com a Ordem de santo Agostinho.
- A simplicidade de vida de acordo com o espírito das bem-aventuranças.
- A atividade profética que se traduz na defesa dos direitos humanos e num compromisso atuante pela paz, pela justiça e pela solidariedade.
- A formação permanente, com especial realce para o estudo da Palavra de Deus, para o magistério da Igreja – especialmente sua doutrina social – e para o pensamento de Santo Agostinho.

8.2.4. Meios

98. - Reunião periódica (quinzenal, mensal, segundo o Estatuto próprio...).

- Programa de formação.
- Celebrações litúrgicas e de oração.
- Ação missionária e social conjuntas.
- Celebrações com Comunidades Religiosas Agostinianas.
- Participação na vida da Igreja local.
- Informação e colaboração com a Ordem de Santo Agostinho.

8.2.5. Estrutura de governo

99. - Coordenador da Fraternidade (convoca, representa a Fraternidade...).
- Secretário (faz a Ata de cada reunião, cuida da correspondência...).
 - Administrador (encarregado dos assuntos econômicos e materiais).
 - Assistente Religioso (sempre que for possível, um Agostiniano).
 - Outras funções, segundo o Estatuto próprio.

Nos Estatutos próprios devem constar: a forma de eleger as pessoas para estes serviços e o intervalo de tempo que haverá entre uma eleição e outra. Não temos apresentado uma lista completa de encargos; as atividades das diversas Fraternidades podem aconselhar outros ofícios ou mesmo a formação de Comissões.

8.2.6. Admissão

100. A filiação a uma destas Fraternidades é feita a título pessoal e cada grupo, por sua vez, deve mostrar-se aberto à incorporação de outras pessoas. Convém que os candidatos sejam apresentados por membros do próprio grupo ou de outra Fraternidade. Além de servir isto de garantia para o primeiro contato das pessoas, pode-se assim garantir o necessário acompanhamento inicial.

Quem recebe o candidato é a Fraternidade, juntamente com o Assistente Religioso, prévia petição da pessoa interessada e a respectiva apresentação, segundo a forma indicada.

Os Estatutos indicarão a idade de admissão, transcorrido um tempo prudente de formação e mútuo conhecimento, assim como os motivos pelos quais pode uma pessoa desistir de ser membro da Fraternidade.

8.2.7. Formação

101. Requisitos prévios para ingressar num grupo são a formação e a informação. O período inicial de ingresso a uma Fraternidade

Agostiniana levará as características do estudo dos conteúdos fundamentais da fé cristã e da aproximação ao pensamento de Santo Agostinho. Todavia, a educação permanente da fé (Cf. Direito Geral para a Catequese, 51) é uma exigência de fidelidade e busca da verdade que deve acompanhar sempre a todo fiel cristão.

Pode-se falar de catequese de adultos, como meio de dar resposta às questões religiosas e morais de nosso tempo e de promover o amadurecimento da vida cristã. Esta catequese terá sempre muito em conta *“a condição laical dos adultos, que pelo batismo têm a missão de ‘buscar o Reino de Deus ocupando-se das realidades temporais e ordenando-as segundo a vontade de Deus’, e, igualmente, que estão chamados à santidade”* (DGC, 174).

8.2.8. Promessa

102. O rito de admissão em toda e qualquer instituição sempre é significativo. Por isso, deve-se preparar cuidadosamente a cerimônia de ingresso na Fraternidade e, passado o tempo de provação, a renovação das promessas do batismo e a manifestação pública de empenhar-se em conseguir a plenitude da vida cristã, seguindo o espírito da Regra de Santo Agostinho. O Celebrante, em nome do Prior Geral, incorpora o novo membro à Família Agostiniana e o faz participante de seus bens.

O Ritual da Ordem de Santo Agostinho prevê um Rito de Admissão e um Rito de Promessa para os membros das Fraternidades Agostinianas. Ainda, o Estatuto próprio poderá determinar outros compromissos concretos, que deverão ser respeitados por todos. Seja o caso da participação nas reuniões, do pagamento de uma taxa monetária (se assim for estabelecido), da participação nas atividades assumidas pelo grupo...

Além da promessa pessoal, é importante que as Fraternidades assumam, de modo estável ou temporário, segundo as circunstâncias, um compromisso específico com um projeto apostólico eclesial, a ser possível dentro do âmbito dos serviços que a Ordem presta à Igreja.

8.2.9. Funcionamento e atividades

103. A espiritualidade anima a vida e o clima interno dá o tom do grupo. Um dos pontos essenciais é o estudo da espiritualidade agostiniana. Aprofundar-se nela constitui um elemento importante de nutrição e crescimento das pessoas que se reúnem.

O diálogo e a comunicação, além de serem dimensões fundamentais para o manutenção de um grupo, são caminhos agostinianos apropriados para encontrar a verdade. A verdade está dentro de nós (A verdadeira religião 39, 72) e entre nós (Confissões 12,25,34).

Estes pressupostos configuram um jeito de funcionamento e de relacionamento em forma de círculo, que garantem a liberdade e a participação. O dinamismo das necessidades reclama a possibilidade de reciprocidade, de dar e de receber, num exercício horizontal de aprendizado participativo.

O calendário das reuniões e outros detalhes de organização devem ser determinados pelo próprio grupo. O fato de existir um estatuto marco não dispensa que cada grupo tenha o próprio, adaptado a suas circunstâncias particulares.

É importante que a Fraternidade esteja unida a um nome agostiniano de destaque (um santo, um beato da Família Agostiniana, um lugar...). A periodicidade das reuniões pode ser, inicialmente, quinzenal.

Também é conveniente um mínimo de organograma, no qual sejam marcadas as funções e os responsáveis pelas mesmas (Coordenador(a) da Fraternidade, Tesoureiro(a), Encarregado(a) das relações com outras Fraternidades Agostinianas, com os projetos locais da Igreja diocesana, com instituições sociais, ONGs...). As necessidades do grupo serão decisivas para sua organização interna.

8.2.10. Assistente Religioso

104. É nomeado diretamente pelo Superior Maior, apresentado pelo Prior da Comunidade Religiosa à qual está vinculada a Fraternidade, prévia proposta dos membros que a compõem. Tem a função de presidir,

sempre que for possível e necessário, as celebrações litúrgicas, promover o espírito agostiniano em todas as atividades da Fraternidade e acompanhar as pessoas e o grupo no seu crescimento espiritual.

8.2.11. Relacionamento com outras Fraternidades Agostinianas

105. No mesmo lugar podem existir várias Fraternidades, e muitas mais ainda no mesmo país. O primeiro testemunho das Fraternidades Agostinianas haverá de ser a unidade e a comunhão entre si. Entretanto, é necessário constituir algum organismo coordenador que estimule as relações mútuas. Sugerimos, aqui, uma Coordenadoria Local, onde houver várias Fraternidades, e uma Coordenadoria ou Federação Provincial (Estadual) e Nacional, com Estatuto e organograma próprios.

A celebração anual de um Encontro e a participação conjunta em outras atividades podem fortalecer os sinais de identidade, o sentido de que se pertence a uma delas e os laços de união dos grupos.

Os membros da Coordenadoria ou Federação Nacional podem ser eleitos nos Encontros nacionais, e, por sua vez, integrar-se numa Coordenadoria de repercussão internacional, que possa representar a todas as Fraternidades Agostinianas.

IX. UM MODELO ESPECÍFICO DE FRATERNIDADE AGOSTINIANA DE LEIGOS

106. A Fraternidade Agostiniana se apoia sobre três colunas: *estudo, interioridade, missão* que dão origem a uma:

A. Comunidade de fé

Busca da verdade por meio do *estudo*.

(Dimensão *formativa cultural* para assimilar a mensagem cristã)

- análise da realidade com olhos de fé (ver, julgar, agir)
- conhecimento dos conteúdos da própria fé
- estudo da Bíblia e da moral
- conhecimento de santo Agostinho e de sua mensagem
- conhecimento do mundo agostiniano

B. Comunidade de oração

Orar e celebrar desde a interioridade.

(Dimensão *litúrgica celebrante* para o diálogo pessoal e comunitário com Deus)

- expressão da fé
- conhecimento e celebração da liturgia
- tempos de oração e celebração comunitárias
- celebrar a fé com a própria família e com a Comunidade Religiosa (festas agostinianas...)
- calendário mensal e anual de *Retiros, Convivências...*

C. Comunidade de vida e missão

Ser para os outros mediante *a missão evangelizadora*

(Dimensão *missionária social* a construção do Reino de Deus)

- ambiente interno de amizade, de acolhida e de compreensão
- testemunho pessoal no próprio ambiente de vida e de trabalho
- comunhão e compromisso com a Igreja local
- tempo de voluntariado dedicado aos outros
- conhecimento da doutrina social da Igreja e exercício prático de solidariedade
- colaboração com instituições (eclesiásticas, civis, ONGs...)

9. 1. Itinerário formativo de uma Fraternidade Agostiniana

Primeira etapa (Período de iniciação)

Duração: Dois anos.

Quando acabam, o candidato recebe um símbolo agostiniano de admissão.

- *Chamados, pelo batismo, à conversão.*
- A fé cristã: O Credo
- Os sacramentos da iniciação cristã
- *O caminho agostiniano rumo a Jesus Cristo ou a espiritualidade agostiniana (I):*

- A vida como inquietude e como busca
- O amor, primeira vocação humana
- "Amar" o mundo e construir a Cidade de Deus
- O lugar dos grandes encontros: a interioridade

Segunda etapa (Período de integração na Família Agostiniana)

Duração: Dois anos

Ao final deles, anexação à Ordem mediante um rito litúrgico de ingresso (Ritual da Ordem). Em alguns casos, livremente, recepção de ministérios para leigos.

- *Converter-nos a quem?*
- Jesus Cristo, meta e finalidade de toda conversão (Cristologia, moral, etc.)
- Maria, modelo dos fiéis
- *O caminho agostiniano rumo a Jesus Cristo ou a espiritualidade agostiniana (II):*
- Dizer um sim decidido ao projeto de Deus: a conversão
- Verificar a vida cristã em oração
- Membros de um só corpo: O Cristo total
- A justiça, a paz e a solidariedade agostinianas
- Amar à Igreja mediante a comunidade agostiniana

A conversão e a comunidade não são fruto do nosso esforço, e sim dom de Deus. Reunidos em comunidade como "*sinal da comunhão e da unidade da Igreja em Cristo*" (Vaticano II, Decreto sobre o apostolado dos leigos 18)

9. 2. Dicas para um esquema de reunião

1. Oração

107. Sempre deve ser iniciada a reunião com um tempo dedicado à oração. Professamos nossa fé. Desejamos que nosso encontro fraterno seja também encontro com Deus. Pode-se começar com orações simples, leitura da Palavra de Deus e um espaço para a reflexão, texto e comentário sobre algum texto de santo Agostinho, liturgia das Horas...

2. Estudo e formação

108. A título de orientação, como regra geral, há um imenso leque de assuntos para cada uma das etapas aqui sugeridas. A cultura religiosa das pessoas que fazem parte do grupo e outras circunstâncias, aconselharão outros vários assuntos e o nível de desdobramento dos mesmos. Isto não quer dizer que, superada essa etapa, já não tenham mais utilidade. Na realidade, para todo processo formativo há temas apropriados aos que se pode apelar.

O tema deve ser estudado, previamente, por cada membro da Fraternidade. É apresentado por alguém do seu ponto de vista pessoal. Dialoga-se. Podem ser convidados especialistas. Tão importante como a fidelidade ao tema em estudo é a flexibilidade para modificá-lo quando houver motivos que o justifiquem.

3. Revisão de compromissos e programação

109. A reunião deve resultar em implicações concretas de caráter interno e externo. Alguém deve preparar o tema da próxima reunião, a oração ou a celebração com motivo festivo ou mesmo marcar um determinado tempo litúrgico, etc. Podem-se assinalar, igualmente, tarefas definidas no âmbito familiar, profissional, paroquial...

A Fraternidade toda, ou alguns membros, colabora habitualmente com a pastoral diocesana, da Paróquia, do Colégio, em voluntariado de caráter social... Que estamos fazendo e como o executamos? Podemos colocar-nos à disposição de outras formas de colaboração com respeito à Igreja local, à Ordem Agostiniana...?

A revisão e a avaliação dos compromissos comuns contribui a promover a co-responsabilidade.

É conveniente que cada Fraternidade marque uma quota econômica fixa. É um sinal aberto a diferentes objetivos: Partilhar de alguma forma dos nossos bens, contar com um fundo comum que pode ter diversas finalidades (fundo de solidariedade, atividades da Fraternidade, gastos comuns...), compromisso material de que se faz parte do grupo.

A CAMINHO COM SANTO AGOSTINHO

*FRATERNIDADES AGOSTINIANAS DE LEIGOS
ESPIRITUALIDADE E ORGANIZAÇÃO*

Tradução: Pe. José E. Santos González .
Foto Capa: Agenor Chiarinelli

FRATERNIDADE AGOSTINIANA DE LEIGOS

O CAMINHO COM SANTO AGOSTINHO

CÚRIA GERAL AGOSTINIANA

PUBLICAÇÕES AGOSTINIANAS

ROMA 2001

APRESENTAÇÃO

É publicado **A caminho com Santo Agostinho** (*Guia das Fraternidades de Leigos*), quando ainda se ouvem os ecos do Grande Jubileu da Encarnação, celebrado o passado 2000. É um acontecimento que nos tem feito pensar naquela primavera da Igreja que brotou nos afortunados anos do Vaticano II.

O Ano Jubilar tem servido, além de outras coisas, para avançar na co-responsabilidade eclesial. Tem-se repetido, insistentemente, que os leigos são a Igreja no coração do mundo e que a nova evangelização está fora de toda cogitação se não houver um decidido compromisso missionário laical. Neste quadro se insere o presente documento que agora irá se espalhar por todas as áreas de ação da Ordem Agostiniana. Suas origens, no entanto, são bem anteriores. A eclesiologia de comunhão, que está em sintonia permanente com o pensamento de santo Agostinho, foi salientada no Vaticano II ao ponto de afirmar que *“a Igreja não está deveras fundamentada, nem vive em plenitude, nem é sinal perfeito de Cristo no meio dos homens, enquanto não houver e trabalhar com a hierarquia um laicato propriamente organizado”* (Ad gentes,21).

Somos todos, portanto, sarmentos da única videira (Jo 15,5), chamados *“a viver juntos no que nos une e separadamente no que nos separa. Dispostos, por isso, a compartilhar desde a diferenciação e a enriquecer-nos mutuamente a partir da própria identidade vocacional”* (Conclusões do Congresso Internacional de Leigos Agostinianos,4). Este é o sentido da dignidade cristã comum a todos e de fazer parte do mistério da Igreja-comunhão (Cf. Christifideles laici,64).

Estas convicções, tão arraigadas na teologia do Bispo de Hipona, têm-se refletido na prática, historicamente, na criação das chamadas

Fraternidades de Agostinianos Leigos. Sua importância doutrinária tem persistido ao longo do tempo, porém alguns aspectos importantes, apesar disso, têm sofrido repetidas interrupções.

O Sínodo dos Bispos de 1987 teve como tema de estudo a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo, justamente 20 anos após o Concílio Vaticano II. Como fruto dessa Assembléia sinodal, o Papa João Paulo II fez pública a Exortação Apostólica *Christifideles laici*, em 30 de dezembro de 1988.

Não é suficiente falar da hora dos leigos, como tampouco pensar que estamos ante uma etapa passageira de associação. É o Espírito de Deus que interpela, suscita e estimula a voltar às origens, ao que é fundamental. Estamos perante uma promissora floração de Fraternidades Agostinianas de Leigos, perante uma inequívoca simpatia por santo Agostinho. Daí que a iniciativa de um Congresso de Leigos Agostinianos obteve uma resposta por parte de numerosas pessoas. Na ocasião, os participantes sugeriram a elaboração de um Guia-marco que viesse definir as notas peculiares de uma Fraternidade Agostiniana de Leigos. O panorama pluralista da realidade laical agostiniana sugeria prosseguir no caminho demarcado pela *Regra de Vida* para as Fraternidades Agostinianas, publicada no ano de 1980. É agora o momento oportuno para poder ajudar na organização dessa abundante realidade laical, e ainda oferecer elementos de aprofundamento na espiritualidade laical e, particularmente, na sua dimensão agostiniana.

Na elaboração deste Guia-marco trabalhou, com entusiasmo e empenho, um grupo de especialistas, religiosos e leigos. Coordenou esta tarefa o *Secretariado Internacional OSA para os Leigos*, formado pelos Pes. Santiago M. Insunza, Columba O'Donnell, Arno Meyer, José Salvador Roldán e Giovanni Scanavino. Mais do que se ater a um texto completo, e portanto fechado, tratou-se de definir, orientar e promover a espiritualidade e de montar os elementos básicos de organização para os leigos agostinianos. Este texto hoje renovado tem o mesmo caráter funcional que deu origem à *Regra de vida e Estatutos Gerais dos Agostinianos Leigos* (1980).

Neste Guia das *Fraternidades Agostinianas de Leigos* é apresentada uma proposta de co-responsabilidade e de participação na

Família Agostiniana procedente do meio laical. Trata-se de um documento equilibrado entre o doutrinário e os aspectos funcionais, que pode contribuir para a consolidação de um laicato que, de mãos dadas com a espiritualidade agostiniana, venha a cooperar com a comunhão e com a missão. A Igreja é missão para a comunhão (Cf. *Christifideles laici*,32). Sempre que se assume a dimensão missionária da vocação cristã, crescem as pessoas e aumenta a Igreja *"pois não deste a fé e por isso a perdeste, ou deste a esperança e a perdeste, ou uma vez que tenhas dado a caridade venhas a ficar sem ela. São fontes e, manando, aumentam"* (Sermão 107 A).

Colocamos este documento nas mãos dos leigos agostinianos, presentes e futuros, com a esperança de que possa servir para promover as fraternidades laicais e como auxílio para a sua caminhada de filhos da Igreja e discípulos de Agostinho.

MIGUEL ÁNGEL ORCASITAS,
Prior Geral OSA

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE:

ASPECTOS DOCTRINÁRIOS

I. REQUISITOS TEOLÓGICOS E PASTORAIS

- 1.1. O discurso teológico e a realidade pastoral
- 1.2. O leigo e seu lugar na Igreja

II. UMA OLHADA À ECLESIOLOGIA AGOSTINIANA

- 2.1. A Igreja-comunhão de Santo Agostinho
- 2.2. Uma Igreja ministerial guiada por um único Pastor e Mestre
- 2.3. As imagens da comunhão eclesial
 - O Cisto total
 - Esposo e esposa

III. A ESPIRITUALIDADE AGOSTINIANA DE LEIGOS

- 3.1. Espiritualidade laical e espiritualidade agostiniana
- 3.2. A espiritualidade agostiniana num marco secular
- 3.3. Conteúdo da espiritualidade agostiniana
 - Grandeza e limitação do ser humano. A vida como busca
 - A interioridade
 - O amor e a comunhão

- A conversão
- A oração
- O Cristo total: fundamento da unidade e da solidariedade
- A Igreja
- O compromisso com o mundo: a justiça, a paz, a solidariedade
- O diálogo com a criação

IV. AFIRMAÇÕES SOBRE A ESPIRITUALIDADE AGOSTINIANA

- 4.1. A primazia de Jesus Cristo na espiritualidade agostiniana
- 4.2. A alma da espiritualidade agostiniana é a caridade
- 4.3. A espiritualidade agostiniana se alimenta na Bíblia
- 4.4. A espiritualidade agostiniana conclama à conversão
- 4.5. A espiritualidade agostiniana dá especial importância à oração
- 4.6. A espiritualidade agostiniana está a serviço da evangelização
- 4.7. A espiritualidade agostiniana possui um acentuado sentido

eclesial

V. ELEMENTOS BÁSICOS DE UMA FRATERNIDADE AGOSTINIANA DE LEIGOS

- 5.1. Vocação cristã
- 5.2. Vocação comunitária
- 5.3. Vocação missionária

VI. SINAIS DE IDENTIDADE DE UMA FRATERNIDADE AGOSTINIANA DE LEIGOS

- 6.1. Comunidade cristocêntrica
- 6.2. Comunidade que estuda a Bíblia
- 6.3. Comunidade que ora e celebra
- 6.4. Comunidade fraterna e solidária
- 6.5. Comunidade agostiniana

SEGUNDA PARTE:

ASPECTOS ESTRUTURAIS

VII. OS LEIGOS NA FAMÍLIA AGOSTINIANA

7.1. *Communio*: Uma fraternidade agostiniana de leigos de vida consagrada

7.2. Fraternidades Agostinianas de Leigos: Agostinianos Leigos

VIII. ELEMENTOS COMUNS A UMA FRATERNIDADE AGOSTINIANA DE LEIGOS E SUGESTÕES

PRÁTICAS

- 8.1. Convocatória e primeiros passos
- 8.2. Conteúdos de um Estatuto modelo
 - 8.2.1. Natureza ou identidade
 - 8.2.2. Constituição de uma Fraternidade Agostiniana de Leigos
 - 8.2.3. Finalidade ou objetivos
 - 8.2.4. Meios
 - 8.2.5. Estrutura de governo
 - 8.2.6. Admissão
 - 8.2.7. Formação
 - 8.2.8. Promessa
 - 8.2.9. Funcionamento e atividades
 - 8.2.10. Assistente Religioso
 - 8.2.11. Relacionamento com outras Fraternidades Agostinianas

IX. UM MODELO ESPECÍFICO DE FRATERNIDADE AGOSTINIANA DE LEIGOS

- 9.1. Itinerário formativo de uma Fraternidade Agostiniana
 - Primeira etapa: Período de iniciação
 - Segunda etapa: Integração na Família Agostiniana
- 9.2. Dicas para um esquema de reunião

INTRODUÇÃO

Como proposta do I Congresso Internacional de Leigos Agostinianos (Roma, 16-21 de julho de 1999), veio à luz **A caminho com Santo Agostinho** (*Guia das Fraternidades Agostinianas de Leigos*). Um texto aprovado pelo Conselho Geral da Ordem na sua reunião de 11 de outubro de 2000 e promulgado oficialmente pelo Capítulo Geral Ordinário do ano de 2001.

Desta forma, ficam estabelecidos um denominador comum do laicato agostiniano e a estrutura básica que possa permitir com propriedade a utilização do nome de Agostinianos Leigos. Somente assim podemos precisar certas características mínimas para que um grupo seja reconhecido como sendo Fraternidade Agostiniana de Leigos.

Trata-se de oferecer o subsídio de um quadro teórico comum que permita diferentes modelos ou possibilidades de ser colocado em prática. O estatuto próprio deve ser elaborado pelos membros de cada Fraternidade, de acordo com as suas peculiares características e circunstâncias. Fica em aberto, portanto, uma ampla margem de liberdade e criatividade.

Por que falar em *Agostinianos Leigos*? Voltar os olhos ao passado é, com frequência, abrir as janelas para que entre a luz. Desde as origens da Ordem têm havido Agostinianos Leigos. Um título que leva consigo uma espiritualidade, um processo formativo e uma estrutura jurídica comuns. Como, se assim não fosse, identificar os leigos agostinianos e articular sua participação na vida da Família Agostiniana?

Compartilhar o nome de *Agostinianos* é uma tradição na Ordem e uma consequência da Igreja-comunhão proclamada por santo Agostinho. Ter o mesmo nome – especificada a pertença ao século no caso dos leigos – destaca a unidade que há na Igreja, ao tempo que é um sinal nítido de proximidade.

Mesmo que hoje o termo *comunidade* é usado de forma genérica e também aplicado a grupos de leigos, parece conveniente reservá-lo para a Vida Religiosa e, no que diz respeito aos leigos, falar de

Fraternidades. Esta era a praxe antiga nas Ordens mendicantes. Dessa maneira, fica ressaltada a singularidade do grupo de leigos e se evita adaptar ou confundir comunidade religiosa com comunidade laical.

Para este trabalho tivemos em conta a *Regra e os Estatutos dos Agostinianos Leigos* (Capítulo Geral Intermédio de 1980). É um texto que supera, com méritos a dificuldade de todo resumo. Passados já vinte anos desde sua publicação, temos hoje o dever de gratidão para aqueles que o elaboraram e a obrigação de completá-lo e atualizá-lo, de acordo com a realidade da Igreja e do mundo de hoje. Também temos tido em conta os Estatutos das várias Fraternidades que existem no mundo agostiniano e temos recolhido as sugestões trazidas por leigos de diversos países que têm revisado os cinco primeiros rascunhos do texto presente.

No trabalho pastoral, especialmente na pastoral da juventude, as *Fraternidades Agostinianas de Leigos* devem ser uma oferta manifesta, juntamente com a Vida Religiosa e a integração a um Instituto de leigos consagrados. São três formas diferentes de pertencer à Família Agostiniana para partilhar a mesma missão e a mesma espiritualidade, cada qual na atividade de sua própria vocação na Igreja.

Existem, ainda, outras muitas pessoas, unidas a nossas obras por diferentes motivos, que também se denominam “leigos agostinianos”. Podem ser os professores dos nossos colégios, os membros de alguma Confraria ou um grupo que se reúne em torno a uma obra agostiniana. Para todos estes pode servir, da mesma forma, a primeira parte ou segmento doutrinário deste documento. Embora de forma bem diferente, fazem parte também da Família Agostiniana.

O Guia das Fraternidades Agostinianas de Leigos, no entanto, tem como destinatários diretos aos homens e mulheres que, livremente, optam por estarem vinculados juridicamente à Família Agostiniana mediante a incorporação a uma Fraternidade Secular. Ou seja, este documento mantém a direção daquele que naqueles dias orientou a *Regra e Estatutos dos Agostinianos Seculares* (1980), pelo que este Diretório ou Guia-marco substitui, a partir de agora, aquele texto.

A perspectiva destas Fraternidades Agostinianas deve ter muito cuidado para não centralizar todo o esforço em anotar diferenças. Em primeiro lugar, é necessário reforçar os elementos comuns, porque “Ai

daqueles que rejeitam a unidade e se dividem em partidos humanos! Que prestem atenção àquele que queria fazer de todos Um, em Um e para Um; que fiquem bem atentos a suas palavras: Não vos façais muitos. Eu plantei e Apolo regou, contudo é Deus quem dá o crescimento. E nem o que planta é algo nem o que molha é algo, e sim Deus, que é o que dá o incremento. Diziam eles: Eu sou de Paulo, eu de Apolo e eu de Cefas; e ele: É que Jesus Cristo está dividido? Permanecei existindo em Um, sede uma coisa só, sede Um: Ninguém subiu ao céu a não ser aquele que desceu do céu. Veja que queremos ser teus, diziam a Paulo. E ele: Não quero que sejais de Paulo, antes daquele de quem é Paulo e vós” (Tratados sobre o Evangelho de São João 12,9).

Em segundo lugar, o intuito deste texto é o de constituir uma consciência muito clara de que o serviço à Igreja para ser testemunhas e construtores do Reino neste mundo, assim como a dimensão missionária da fé devem vir a ser as preocupações de maior importância. A fixação excessiva no próprio nome ou a indiferença frente à realidade social, levam, facilmente, a comportamentos sectários.

A Constituição conciliar *Lumen Gentium* nos oferece uma descrição positiva do laicato: “*Os fiéis que, como incorporados a Cristo pelo batismo, integrados no povo de Deus e a seu modo feitos partícipes do ofício sacerdotal, profético e régio de Cristo, exercem na Igreja e no mundo a missão de todo o povo cristão no ofício que a eles corresponde*” (n.31). Este esclarecimento doutrinário – um mesmo e único batismo e a unidade de missão – exige a complementaridade e a colaboração de todos na Igreja. “*Todos, pastores e fiéis, somos obrigados a oferecer e a alimentar continuamente elos e relações fraternas de mútua estima, cordialidade e colaboração entre as diferentes formas associativas de leigos*” (Christifideles laici, 31).

As Fraternidades de Agostinianos Leigos não professam sua fé em Santo Agostinho, mas em Cristo. E nem procuram uma estrutura de destaque para ocupar um espaço maior na vida da Igreja, ao contrário, pretendem “*estar no meio como quem serve*” (Lucas 22,27). Conhecem suas reais limitações e se reconhecem como membros de uma Igreja peregrina, com nódoas e rugas, que se mantém em pé pela oração (Sermão 181,7).

Não podemos ignorar alguns riscos. Fundamentalmente, são os precedentes da confusão de identificações ou da apresentação de uma forma de vocação que relega as outras. O desafio de promover as Fraternidades Agostinianas e fazer com que aumentem abre-nos, no entanto, caminho para a proveitosa experiência de uma Igreja-comunhão e para a configuração da face da Família Agostiniana do futuro.

PRIMEIRA PARTE

ASPECTOS DOUTRINÁRIOS

I. REQUISITOS TEOLÓGICOS E PASTORAIS

1.1. O discurso teológico e a realidade pastoral

1. Para o Concílio Vaticano II, a Igreja é o novo Povo de Deus, formado por todos os batizados, que caminha sob a luz do Espírito (Cf. Constituição sobre a Igreja 2,9-17). Todos os membros deste povo, a despeito de desempenharem funções diferentes, formam um todo comunitário e fraterno.

Uma primeira pergunta que logo aparece é sobre a natureza e a missão dos leigos. De outro modo, a reflexão tem de começar pela aproximação à teologia que sustenta o próprio ser do laicato. Coisa bem diferente é a história do laicato na Igreja, que tem sido marcada por um gráfico claramente instável. A partir do Vaticano II, sobretudo, é quando se reencontrou o protagonismo do leigo na comunidade cristã.

O Vaticano II clareou com uma nova concepção da Igreja. Sua inovação de maior transcendência para a eclesiologia e para a vida da Igreja foi o fato de centralizar a teologia da Igreja na comunhão (Cf. *Christifideles laici*, 19). De fato, a noção de comunhão impregnou por todo o primeiro milênio a consciência da Igreja. Não devemos esquecer, entretanto, que o texto da Constituição a respeito da Igreja inicia com uma afirmação básica: A Igreja, primordialmente, é mistério, *sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano*” (*Lumen Gentium*, 1). O laicato não é compreensível por critérios que vêm de fora, não pode ser medido e analisado com parâmetros próprios de uma outra instituição e, quando falamos dele, não estamos pensando, somente, onde situar e que funções assinalar a esse grupo – o mais numeroso, sem dúvida, - da comunidade eclesial.

A aceitação por parte da fé dessa realidade humana e salvadora, repleta da presença de Deus, que chamamos Igreja, é a orientação válida para localizar a reflexão acerca da função do leigo.

2. Afirmar que a Igreja é a comunhão dos fiéis significa que todos cristãos possuem uma autêntica igualdade: *“Ainda que alguns, por vontade de Cristo, sejam constituídos doutores, administradores dos mistérios e pastores em benefício dos outros, contudo há uma autêntica igualdade entre todos eles quanto à dignidade e à ação comum a todos os fiéis em vistas à edificação do Corpo de Cristo”* (Lumen Gentium, 32). Esta dignidade comum encontrou uma formulação clássica num magnífico texto de santo Agostinho que é recolhido pela Lumen Gentium (n.32): *“Embora me cause temor o que sou para vós, consola-me igualmente o que sou convosco. Para vós sou bispo, convosco sou cristão. Aquilo é um dever, isto é uma graça; o primeiro indica um perigo, o segundo a salvação”* (Sermão 340,1).

A vida do século, como dado comum e anterior à diversidade de funções e carismas, sinaliza três formas de realização da existência cristã: O laicato, os ministérios e a Vida Religiosa. Nenhuma delas provém das outras, antes todas formam comunhão de igualdade diversificada. Esta é a razão pela qual o Vaticano II antepõe o tema do povo de Deus (capítulo II) ao da hierarquia (capítulo III).

3. Sob a imagem de Povo de Deus, apresentada no Capítulo II da Constituição sobre a Igreja, consta como conteúdo de fundo o conceito de uma Igreja comunitária, fraterna e co-responsável que tem como base comum o batismo. Do batismo nasce o fundamento sacramental único e a idêntica dignidade que há na Igreja, como ficou anotado no Capítulo II da Constituição Lumen Gentium e que recolhe o atual Código de Direito Canônico (1983): *“A sua regeneração em Cristo proporciona a todos os fiéis uma verdadeira igualdade enquanto à dignidade e à ação, em função da qual todos, conforme sua própria condição e ofício, colaboram na edificação do Corpo de Cristo”* (Cânon 208).

A raiz teológica da configuração que o Vaticano II apresenta do leigo deve ser buscada no sacramento do batismo. *“Somente compreendendo a misteriosa riqueza que Deus doa ao cristão no santo batismo é possível delinear as “feições” do fiel leigo”* (Christifideles laici, 9). Quanto mais aprofundarmos na teologia batismal, definiremos com silhuetas mais claras a figura do leigo. O batismo recebe o nome de

cristão devido a sua relação com a pessoa e o mistério de Jesus Cristo. Os cristãos ficam incorporados a Cristo (Romanos 6,5), ligados a Jesus na sua morte e na sua ressurreição (Romanos 6,3). Principalmente, o batismo é comunhão no mistério pascal da morte/ressurreição do Senhor (Romanos 6,3 ss.; Colossenses 2,11-13). Este fundamento cristológico é completado pelas dimensões antropológica, pneumatológica, escatológica e eclesiológica.

4. A dimensão antropológica assinala o começo de algo novo. Significa a novidade de um nascimento com sua cota de esperança, de compromisso, de confiança. Ao dom de Deus, recebido gratuitamente, corresponde a resposta livre do ser humano. Este é o motivo da conversão como vocação e tarefa permanente do cristão.

Comentar acerca da dimensão pneumatológica é fazer referência à igualdade que há entre a vida em Cristo e a vida no Espírito. É o Espírito quem faz com que a água produza o novo nascimento em Cristo e o perdão dos pecados. *“Tendes sido lavados; tendes sido santificados; tendes sido justificados em nome de Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus”* (1 Coríntios 6,11).

A dimensão escatológica acentua a vida que há de vir para todos os batizados no fim dos tempos. Não podemos esquecer que a Igreja, e com ela os batizados, se orienta para esta realidade escatológica do Reino que, mesmo de forma provisória e imperfeita, já temos de fazer com que seja presente.

Finalmente, a dimensão eclesiológica diz respeito à incorporação do batizado no corpo de Cristo que é a Igreja (1 Coríntios 12). A comunhão *“num só Senhor, numa só fé e num só batismo”* (Efésios 4,5) supera todas as diferenças que possa haver entre os batizados e proporciona como fruto a comunidade de irmãos. *“Todos vós, os que tendes sido batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo... Formais todos uma única coisa em Cristo Jesus”* (Gálatas 3,27). Acerca deste mistério de unidade, Santo Agostinho se manifesta assim: *“São muitos homens e um só homem: muitos homens e um só Cristo. Os cristãos, junto com sua cabeça, elevada aos céus, formam o único Cristo. Não que Ele seja um e nós muitos: Nele, que é um, nós, que somos muitos,*

somos na realidade uma coisa só. Este é, por certo, o único homem que verdadeiramente existe: Cristo, cabeça e corpo” (Comentários aos Salmos 127,3).

5. A transformação de uma Igreja desigual – com duas categorias bem definidas de pessoas – em uma Igreja igualitária, implica numa revisão teológica dos rótulos não necessários ao ministério ordenado e à praxe eclesial. Embora os sinais dos tempos estão de vento a favor da renovação laical, estamos numa transição ainda em andamento, ante uma caminhada a ser feita. O processo iniciado exige avançar no campo da participação e da co-responsabilidade. É indispensável aceitar essa mudança com completa honradez e estando apoiados numa confiança pura comum a todos os membros do povo de Deus. Essa confiança só pode nascer de uma fé em crescimento no poder do Espírito presente no meio de nós e de um amor mútuo cada vez mais pleno. Começando pela confiança e pelo amor, sentindo que somos povo que peregrina sob a luz do Espírito, é necessário acabar com prejuízos mútuos, reconhecer a maioria dos leigos e efetivar assim em realidades concretas a Igreja fraterna de Jesus.

A reflexão teológica atropela a participação real dos leigos na vida da Igreja e sua presença evangelizadora no mundo. É como se tivesse sido esquecido o fato de que “o mundo vem a ser o âmbito e o meio da vocação cristã dos leigos” (Christifideles laici, 15). Mesmo que o critério modelar da eclesiologia seja o leigo, ainda hoje falta esclarecer o que seja uma teologia batismal a partir da qual se possa construir a igualdade essencial de todos os membros do Povo de Deus. Somente mediante a orientação do Vaticano II é possível situar no seu devido lugar – sem possibilidade de equívocos – a identidade laical e a identidade sacerdotal e religiosa. Tão importante como tratar da igualdade existente entre leigos, ministérios sagrados e religiosos (Lumen Gentium, 32), é anotar que se trata de uma igualdade diferenciada. Diversidade e complementaridade na unidade de um mesmo Espírito.

1.2. O leigo e seu lugar na Igreja

6. Não é fácil acabar com os costumes e a linguagem que vigoraram por muitos séculos. Seria o mesmo que deslocar a história.

Quando algumas pessoas ouvem falar da hora dos leigos, ficam com receio porque pensam que estamos perante um assunto perigoso. Como se destacar o protagonismo laical pudesse desvalorizar os sacerdotes e os religiosos ou resultasse numa acometida à Igreja por parte de um exército invasor. De outro lado encontramos atitudes laicais reivindicativas e de rejeição a qualquer diferenciação hierárquica.

Toda a Igreja (embora nem todos seus membros no mesmo grau ou com idênticas tarefas) é sacerdotal, profética e régia. Ninguém pode administrar a participação dos leigos na vida da Igreja como sendo uma representação ou uma concessão gratuita que, conforme às circunstâncias, fica ampliada ou reduzida. “O dever e o direito do leigo no apostolado advêm de sua mesma união com Cristo cabeça. Introduzidos pelo batismo no corpo místico de Cristo, revigorados pela confirmação na fortaleza do Espírito, é o Senhor mesmo quem os destina ao apostolado” (Apostolicam Actuositatem, 3).

7. O desenho de uma nova teologia do laicato ficaria um tanto abstrata sem a definição de algumas tarefas determinadas. Não se trata de estar no mundo secular – aí estamos todos – e sim de que o leigo entre no que se relaciona com essa estrutura temporal de forma diferente. Nesse mundo – tecido por realidades como o matrimônio, a família, o trabalho, a ação política, a economia, a cultura, a investigação científica, etc. – desempenha seu ministério e anuncia a boa nova do Reino com os fatos cotidianos. A Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi, do Papa Paulo VI, rememora aos leigos que “o campo apropriado de sua atividade evangelizadora é o amplo e complexo mundo da política, da realidade social, da economia, assim como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos órgãos de comunicação social, e ainda de outras realidades particularmente abertas à evangelização, tais como o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional, o sofrimento” (n.70).

8. Com relação à promoção, formação e atividade pastoral do laicato, o Documento de Santo Domingos (1992) insiste em quatro pontos de vista: Em primeiro lugar, seu compromisso no campo das realidades temporais (família, cultura, economia, política, educação, meios de

comunicação social...) e não apenas em funções internas da Igreja. Em segundo lugar, a necessidade de acompanhamento às associações e movimentos laicais, a fim de evitar que se fechem em torno de si mesmos, que não estejam engajados na pastoral de conjunto e que careçam de inculturação no próprio contexto. Em terceiro lugar, o reconhecimento do trabalho evangelizador da mulher e a luta contra a marginalidade social e eclesial. Finalmente, em quarto lugar, a necessidade de reafirmar a opção preferencial pelos jovens, assumir a cultura juvenil e abrir a eles espaços de participação na Igreja e na evangelização, possibilitando a adequada pastoral da juventude (nn. 95-120).

9. A chamada *hora dos leigos* tem seu início no século XIX. A despeito de uma eclesiologia de lastro altamente clerical – ao ponto de parecer que os leigos sempre foram um adendo da hierarquia – e não tendo superado os dualismos clássicos sagrado-profano, espírito-carne, clérigos-leigos, já então se proclamava o princípio de que os leigos têm como missão apostólica a incumbência de consagrar o mundo a Deus.

Que hoje realcemos vivamente a função dos leigos deve obedecer a uma razão teológica e não ao quadro estatístico das vocações religiosas e ministeriais. Consequentemente, o encargo dos leigos nunca se pode entender como suplementar. A raiz da vocação laical tem de ser buscada no fluxo de uma nova concepção da Igreja, e de uma visão completa de toda a criação capaz de barrar de uma vez por todas o cisma que há entre a Igreja e o mundo, a matéria e o espírito. Ainda, não podemos falar de uma apropriada interpretação destes binômios tradicionais. Aduzir pormenores é legítimo, mas, por vezes, erguem-se, em sua volta, muros insuperáveis.

II. UMA OLHADA À ECLESIOLOGIA AGOSTINIANA

2.1. A Igreja-comunhão de Santo Agostinho

10. Santo Agostinho entende a Igreja como comunhão. Neste sentido, manifestado por meio de uma terminologia bem diversificada, faz referência a um significado múltiplo. Assim, a teologia agostiniana

ajuda-nos, decerto, a evitar os perigos de uma eclesiologia na qual venha a prevalecer a visão parcial de um elemento acima dos outros ou de um grupo que possa estar contraposto a outro.

A preocupação primordial da eclesiologia agostiniana é refletir com fidelidade a revelação bíblica e manifestar a unidade da Igreja e na Igreja, e não a de dar preferência a quaisquer pessoas, funções ou ministérios. O Espírito Santo faz nascer a comunhão na Trindade, entre a Trindade e os seres humanos, e nos homens entre si (Sermão 71,18). Como conseqüência, uma Igreja desvinculada do Espírito deixa de ser Igreja e, sempre que possui o Espírito, é comunhão com Deus e entre os diversos membros. É a unidade com Cristo e no Espírito a que conta acima de tudo, para que possa haver Igreja e se possa falar de Igreja.

A unidade do Corpo de Cristo constitui para Santo Agostinho a tese fundamental da teologia da Igreja. *“Este testemunho da unidade evidencia a realidade de Cristo e da vida, quer dizer, da Cabeça e do Corpo, do Rei e do Povo, do Pastor e do rebanho, e de todo o mistério das Sagradas Escrituras: de Cristo e da Igreja”* (Comentários aos Salmos 79,1). Esta Igreja-comunhão é o esteio onde assenta o Vaticano o tema dos leigos e o ponto de partida da reflexão que se veio fazendo, posteriormente, a respeito da teologia do laicato. O próprio João Paulo II volta a este assunto. Somente poderá ser compreendida convenientemente a missão dos leigos na Igreja e no mundo, se nos situarmos no contexto vivo da Igreja-comunhão (Christifideles laici,18).

11. Na catequese habitual de Santo Agostinho nota-se uma marcada insistência sobre o apelo a que a Igreja seja tida como único corpo possível de Cristo a fim de que todos os seus ouvintes, sem distinção alguma, amadureçam nesta visão e mentalidade: Todos pertencemos ao mesmo corpo; todos devemos nos manifestar como um único corpo; todos devemos formar um único corpo: *“O Cristo total é cabeça e é corpo, coisa que não duvido que vós já sabeis...”* (Comentários aos Salmos 56,1).

Para Santo Agostinho, fiel à antiga tradição patrística, não é possível entender a Escritura sem utilizar como princípio fundamental de interpretação a união de Cristo e da Igreja, cabeça e membros do Cristo total.

Feita a devida distinção de natureza existente entre Cabeça e Corpo, a identidade do único Cristo garante o único sujeito da história presente e futura, ou melhor ainda, de um futuro que se iniciou já no presente. A Igreja é, no tempo, o prolongamento da encarnação e da própria história de Cristo. Na Igreja continua a sofrer Cristo e nela se completa seu sofrimento, de igual forma que antes a Igreja sofreu em Cristo, sua cabeça. *“Como já conhecemos a cabeça e o corpo, Ele é a cabeça e nós o corpo, quando ouvimos sua voz, devemos entendê-la como procedente da cabeça e do corpo, porque tudo quanto padeceu também nós o padecemos Nele, e, do mesmo modo, o que nós sofremos Ele o padece em nós. Se no ser humano padece alguma coisa a cabeça, poderemos dizer que não a sofrem as mãos? Ou, se sofrem algo as mãos, poderemos dizer que não a padece a cabeça?”* (Comentários aos Salmos 62,2; Cf. Ib.61,4).

12. O mistério do Corpo de Cristo vem a ser, igualmente, o fundamento da esperança da Igreja no transcurso do tempo: as inquietações, as lamentações, as impaciências, numa palavra sua expectativa no tempo, sustentam-se por meio de sua introdução no Corpo de Cristo, cuja cabeça já está na glória. *Esperamos a mesma herança, a vida eterna. Por ora não a tem recebido o corpo total, dado que, embora a cabeça esteja no céu, os membros se encontram até o presente na terra. Não irá receber a herança somente a cabeça e o corpo ficar abandonado. É o Cristo completo quem irá receber essa mesma herança, o Cristo total enquanto homem, ou seja, a cabeça e o corpo. Somos membros de Cristo; aguardamos, pois, a herança”* (Sermão 22,10; Cf. Comentários aos Salmos 88, s.1,5).

2.2 Uma Igreja ministerial guiada por um único Pastor e Mestre

13. Quando Santo Agostinho faz distinção entre os diversos ministérios que há na Igreja, faz sempre referência também a seu ministério de unidade. Como pastor considera-se num lugar mais elevado que o do seu rebanho, só que isso é apenas por causa da obrigação que lhe foi encomendada de ensinar e vigiar. Embora precise ficar mais alto para

poder vigiar, não considera que esta seja uma posição de privilégio ou de poderio que venha a diferenciá-lo com clareza de seus fiéis. Trata-se de uma qualidade ministerial, de serviço (aliás bem pesada, incômoda e perigosa), que o arrasta, bem ao contrário, a considerar a posição mais segura, de verdadeira dignidade, que compartilha com todos os seus irmãos batizados: *Para vós sou bispo, convosco sou cristão”* (Sermão 340,1).

14. Cristo e seu Espírito nos fazem participantes de algumas peculiaridades, carismas, que não devem ser exercidas sem lembrar que sua origem e sua importância procedem da mesma fonte. O ofício de mestre e pastor faz referência constante ao verdadeiro Mestre e Pastor, do qual todos somos discípulos e rebanho, incluídos os que somos tidos por mestres e pastores. Todos os discípulos devemos estar solícitos aos ensinamentos e ao modo como nos conduz o verdadeiro Mestre e Pastor, mediante o cuidado para com a própria interioridade. O verdadeiro Mestre ensina a todos desde a cátedra do próprio coração.

Assim, o verdadeiro supremo Pastor não cessa de guiar a sua grei, apesar de que alguns dos seus pastores subordinados buscam tão-somente seus próprios interesses e não apascentam o rebanho de acordo com o coração de Cristo: *“Quem são os que apascentam a si mesmos? Aqueles dos quais adverte o Apóstolo: Todos buscam seus interesses, não os de Jesus Cristo (Fl 2,21). Nós, àqueles a quem o Senhor colocou, porque assim Ele quis, não por nossos merecimentos, nesta posição da qual haveremos de dar contas minuciosas, temos de estar atentos a duas coisas: que somos cristãos e que somos pastores vossos. O fato de sermos cristãos é dado para nosso proveito; o de sermos pastores, para benefício vosso. (...) Uma vez que os pastores foram destacados para cuidarem daqueles a cujo cuidado se encontram, ao presidirem não devem buscar sua própria utilidade, ao contrário, a daqueles a quem prestam serviço; todo aquele que é pastor e se gaba disso busca sua própria honra e procura somente as suas comodidades; apascenta-se a si mesmo, não às ovelhas”* (Cf. Sermão 46,2).

15. É preferível sentir-se parte do rebanho a exercer uma tarefa de responsabilidade: *“São muitos os que, sendo cristãos e não sendo*

pastores, chegam a Deus, acaso trilhando um caminho mais fácil e de forma mais rápida, porquanto transportam uma carga menor. Nós, ao contrário, porque não somos simples cristãos, e de acordo com isso, haveremos de dar contas a Deus no que diz respeito a nossa vida. Se vos falo deste modo é para que, compadecendo-vos de nós, oreis por nós” (Sermão 46, 2.14).

Na sua caminhada com o povo de Deus, Santo Agostinho se reconhece, ao mesmo tempo, mestre e discípulo. “*Eu cuido de vós – comento com os seus fiéis – por ofício de governo, mas desejo ser custodiado convosco. Eu sou pastor para vós sob as ordens daquele Pastor. Desde aqui falo a vós como quem ensina; porém, convosco sou condiscípulo na escola do único Mestre”* (Comentários aos Salmos 126,3).

Como bispo, exerce o seu ministério, um serviço, porém quem ensina é Jesus Cristo: “*Todos temos um só Mestre e na sua escola todos somos condiscípulos”* (Tratados sobre o Evangelho de São João 16,3). Não deixa de repetir aos ouvintes sua condição de simples fiel cristão na Igreja e dos perigos que corre ao ter que falar de Deus. “*E eu, irmãos, que pretendo falar a vós, quero que saibais quem sou eu, e qual é a tarefa a que me comprometi... (...) O que entendo segundo a minha capacidade, é isso mesmo o que ponho na mesa; quando a mim se manifesta, alimento-me convosco, e quando se me oculta, convosco suplico”* (Tratados sobre o Evangelho de São João 18,1). O que importa na Igreja é acolher a Palavra no coração, pois “*no interior, todos somos ouvintes”* (Sermão 179,7). É a idéia que de forma representativa Santo Agostinho expressa quando diz que “*os próprios pastores são também ovelhas”* (Tratados sobre o Evangelho de São João 123,5).

16. Em diversas ocasiões Santo Agostinho manifesta sua preferência por aprender, não por ensinar. Dirige-se aos fiéis não como doutor perfeito, mas antes como quem também deseja progredir no aprendizado (Carta 266,2). E, devido a essa preocupação, descreve o ofício do pastor na Igreja. “*Os que apascentam as ovelhas de Cristo, com intenção de fazê-las próprias e não de Cristo, claramente demonstram que se amam a si mesmos e não a Cristo, fazendo esse*

serviço em vistas à glória, ao poder e à cobiça” (Tratados sobre o Evangelho de São João 123,5).

Quando fala de alguns perigos que acontecem na Igreja, pensa nos clérigos e também nos leigos. “*A tentação de governar, a tentação perigosa de dirigir a Igreja, atinge-nos de forma particular. Porém, como haveréis de ser também vós alheios a ela, sendo que está em perigo todo o barco? Tenho referido isto para mostrar que nesta quarta tentação, embora seja apropriada a nós, vejais como necessário que não deveis desistir da oração, pois que vós sois os primeiros em naufragar; portanto, não sejais menos cuidadosos, não vos canseis de orar por nós. Por acaso, irmãos, porque não estais a postos junto ao timão, não navegais na mesma nave?”* (Comentários aos Salmos 106,7).

2.3. As imagens da comunhão eclesial

17. A linguagem agostiniana nos auxilia a recuperar uma eclesiologia de comunhão, coisa que é fundamental para poder entender e viver o mistério da Igreja. Seleccionamos duas expressivas imagens que se complementam: O Cristo total e o esposo e a esposa. O Cristo total (cabeça e corpo) é o ponto de referência que nos deve guiar continuamente para poder compreender a verdadeira realidade da Igreja, sua eficaz relação com Cristo, a continuidade desse relacionamento no único sujeito histórico, ainda que tenhamos de considerar a diferença que há entre a Cabeça e o Corpo. O esposo e a esposa é outro conceito que, partindo da diversidade dos sujeitos, recupera a unidade na comunicação interpessoal e no mistério do amor (uma só carne).

O Cristo total

18. Como membros do Corpo inteiro, estamos já com Ele. “*Ser com”* (Ele conosco e nós com Ele) é uma capacidade que evidencia a participação da Igreja nos acontecimentos de Cristo: É uma grande comunicação de benefícios que faz com que a Igreja histórica e pecadora, assim como também divina e participante, permanecendo ainda no tempo, venha a ser da condição gloriosa de sua Cabeça.

Todos os seus membros, pelo batismo, devido à mesma qualificação que possuem, são como Cristo: Na sua humanidade temos sido consagrados pelo mesmo Espírito e também somos Cristo. *“Os cristãos são o próprio Cristo” “... Nós somos corpo de Cristo porque todos somos ungidos, e todos estamos Nele, sendo Cristo e de Cristo, porque de alguma forma o Cristo total é cabeça e corpo”* (Comentários aos Salmos 26,2,2). *“Felicitemo-nos, pois, a nós mesmos e sejamos agradecidos; foi nos dado chegar a ser não só cristãos, mas Cristo mesmo. Acaso percebeis, irmãos, compreendeis o que Deus nos tem feito? É para que fiquéis cheios de admiração e de alegria. Foi nos dado chegar a ser o mesmo Cristo. Porque, se Ele é a cabeça e nós somos os membros, o homem completo é Ele e nós”* (Tratados sobre o Evangelho de São João 21, 8; Cf. Ib.108,5).

19. Ser com Cristo e como Ele é o mesmo que participar de sua santidade. Essa santidade é Dele, mas é real também para nós. Não podemos ignorá-la sem sermos ingratos, de igual forma que devemos reconhecê-la para sermos humildes. *“Dizemos que fomos santificados, diga também cada um dos fiéis: Sou santo. Não é orgulho de presunçosos, mas antes confissão de agradecidos. Se disseres ser santo por ti mesmo, serás arrogante. Assim também, uma vez que és fiel de Cristo e membro de Cristo, se disseres que não és santo, serás desagradecido”* (Comentários aos Salmos 85,4).

Ser como Ele, participar de seu Espírito, significa participar de sua capacidade gerar nascimentos: podemos ser mães de Cristo, capazes de dá-lo à luz nos irmãos do mesmo modo que a Igreja faz. *Pelo que diz o Senhor vemos que a Igreja é irmãos, e irmãs, e mãe do Senhor... Porque o mesmo Cristo se encontra nos cristãos, aos que, pelo batismo todos os dias a Igreja gera. Por conseguinte, dos mesmos que compreendes que é esposa, é também mãe e filho”* (Comentários aos Salmos 127,12).

Esposo e esposa

20. Ser com Ele é a própria experiência dos esposos (Cf. Comentários aos Salmos 127,12) que chegam a constituir uma só carne. Esta mesma carne que foi assumida pelo único Verbo, mediante o qual a

experiência terrena da Igreja chega a ser a mesma experiência de Cristo, exceto, naturalmente, no pecado. Assim, a experiência de Cristo total conduz à Igreja até os limites do tempo e do espaço a viver os tempos de Deus, além da desordem deste mundo.

No quadro do matrimônio sobressai a impaciência da espera pela intensidade do amor. Por este amor fomos convidados às bodas e nós mesmos fazemos parte destas núpcias. Convidados e esposa. *“Magnífico mistério! Fomos convidados à boda e nós mesmos somos a boda. Nas bodas humanas, uma é a esposa e outros são os convivas. Nós somos, a um só tempo, os convidados e a esposa, pois somos Igreja e estamos convidados na Igreja”* (Sermão 265 E,5). Estamos na Igreja e somos Igreja: *“Advirto-vos e vos peço que ameis esta Igreja, permaneçais nesta Igreja, e sejais desta Igreja”* (Sermão 138,10).

III. A ESPIRITUALIDADE AGOSTINIANA DE LEIGOS

3.1. Espiritualidade laical e espiritualidade agostiniana

21. A espiritualidade agostiniana consiste em viver segundo o Espírito de Jesus Cristo. O acompanhamento a Jesus, próprio de todo batizado, é a base da espiritualidade. Este é o programa único de todos os cristãos. A personalidade ímpar de alguns homens e mulheres e as diversas personificações que eles mesmos têm feito do Evangelho dão seu nome a um amplo catálogo de formas de espiritualidade. Assim, após o substantivo espiritualidade cristã, acrescenta-se o adjetivo agostiniana, franciscana, dominicana, carmelita... Diferentes modelos, fruto da fecundidade do Espírito, que têm seu ponto de união na imitação a Jesus Cristo. *Nós, que somos e nos chamamos cristãos, não cremos em Pedro, mas no mesmo em que Pedro acreditou... O mesmo Cristo, mestre de Pedro, é também nosso mestre na doutrina que leva à vida eterna”* (A Cidade de Deus 18,54,1).

Comentar a respeito de uma espiritualidade laical não é inventar um tipo de espiritualidade que venha a competir com as outras. A teologia tem pretendido mostrar como pertencer ao século é característica de toda a Igreja e não uma marca exclusiva dos leigos. A índole secular ou laical da Igreja é entendida no contexto de uma eclesiologia de comunhão

Todos os seus membros, pelo batismo, devido à mesma qualificação que possuem, são como Cristo: Na sua humanidade temos sido consagrados pelo mesmo Espírito e também somos Cristo. *“Os cristãos são o próprio Cristo”* *“... Nós somos corpo de Cristo porque todos somos ungidos, e todos estamos Nele, sendo Cristo e de Cristo, porque de alguma forma o Cristo total é cabeça e corpo”* (Comentários aos Salmos 26,2,2). *“Felicitemo-nos, pois, a nós mesmos e sejamos agradecidos; foi nos dado chegar a ser não só cristãos, mas Cristo mesmo. Acaso percebeis, irmãos, compreendeis o que Deus nos tem feito? É para que fiquéis cheios de admiração e de alegria. Foi nos dado chegar a ser o mesmo Cristo. Porque, se Ele é a cabeça e nós somos os membros, o homem completo é Ele e nós”* (Tratados sobre o Evangelho de São João 21, 8; Cf. Ib.108,5).

19. Ser com Cristo e como Ele é o mesmo que participar de sua santidade. Essa santidade é Dele, mas é real também para nós. Não podemos ignorá-la sem sermos ingratos, de igual forma que devemos reconhecê-la para sermos humildes. *“Dizemos que fomos santificados, diga também cada um dos fiéis: Sou santo. Não é orgulho de presunçosos, mas antes confissão de agradecidos. Se disseres ser santo por ti mesmo, serás arrogante. Assim também, uma vez que és fiel de Cristo e membro de Cristo, se disseres que não és santo, serás desagradecido”* (Comentários aos Salmos 85,4).

Ser como Ele, participar de seu Espírito, significa participar de sua capacidade gerar nascimentos: podemos ser mães de Cristo, capazes de dá-lo à luz nos irmãos do mesmo modo que a Igreja faz. *Pelo que diz o Senhor vemos que a Igreja é irmãos, e irmãs, e mãe do Senhor... Porque o mesmo Cristo se encontra nos cristãos, aos que, pelo batismo todos os dias a Igreja gera. Por conseguinte, dos mesmos que compreendes que é esposa, é também mãe e filho”* (Comentários aos Salmos 127,12).

Esposo e esposa

20. Ser com Ele é a própria experiência dos esposos (Cf. Comentários aos Salmos 127,12) que chegam a constituir uma só carne. Esta mesma carne que foi assumida pelo único Verbo, mediante o qual a

experiência terrena da Igreja chega a ser a mesma experiência de Cristo, exceto, naturalmente, no pecado. Assim, a experiência de Cristo total conduz à Igreja até os limites do tempo e do espaço a viver os tempos de Deus, além da desordem deste mundo.

No quadro do matrimônio sobressai a impaciência da espera pela intensidade do amor. Por este amor fomos convidados às bodas e nós mesmos fazemos parte destas núpcias. Convidados e esposa. *“Magnífico mistério! Fomos convidados à boda e nós mesmos somos a boda. Nas bodas humanas, uma é a esposa e outros são os convivas. Nós somos, a um só tempo, os convidados e a esposa, pois somos Igreja e estamos convidados na Igreja”* (Sermão 265 E,5). Estamos na Igreja e somos Igreja: *“Advirto-vos e vos peço que ameis esta Igreja, permaneçais nesta Igreja, e sejais desta Igreja”* (Sermão 138,10).

III. A ESPIRITUALIDADE AGOSTINIANA DE LEIGOS

3.1. Espiritualidade laical e espiritualidade agostiniana

21. A espiritualidade agostiniana consiste em viver segundo o Espírito de Jesus Cristo. O acompanhamento a Jesus, próprio de todo batizado, é a base da espiritualidade. Este é o programa único de todos os cristãos. A personalidade ímpar de alguns homens e mulheres e as diversas personificações que eles mesmos têm feito do Evangelho dão seu nome a um amplo catálogo de formas de espiritualidade. Assim, após o substantivo espiritualidade cristã, acrescenta-se o adjetivo agostiniana, franciscana, dominicana, carmelita... Diferentes modelos, fruto da fecundidade do Espírito, que têm seu ponto de união na imitação a Jesus Cristo. *Nós, que somos e nos chamamos cristãos, não cremos em Pedro, mas no mesmo em que Pedro acreditou... O mesmo Cristo, mestre de Pedro, é também nosso mestre na doutrina que leva à vida eterna”* (A Cidade de Deus 18,54,1).

Comentar a respeito de uma espiritualidade laical não é inventar um tipo de espiritualidade que venha a competir com as outras. A teologia tem pretendido mostrar como pertencer ao século é característica de toda a Igreja e não uma marca exclusiva dos leigos. A índole secular ou laical da Igreja é entendida no contexto de uma eclesiologia de comunhão

(Cf. LG 4; AG 2). Dentro da única missão, partilhada na Igreja por todos os batizados, pode-se falar de trabalhos específicos. São muitas mais, contudo, as tarefas comuns que as particulares.

22. Limitar o acompanhamento a Jesus Cristo a um determinado grupo existente na Igreja seria não valorizar o batismo, fundamento de nossa incorporação em Jesus Cristo. *“Quem quiser me seguir, renuncie a si mesmo”* (Mt 16,24). *“Isso não é coisa que devam ouvir só as virgens e não as casadas; só as viuvas e não as esposas; só os monges e não os casados; só os clérigos e não os leigos; toda a Igreja, todo o corpo, todos os membros com suas funções próprias e diferentes, é que haverá de seguir a Cristo”* (Sermão 96,7,9). A partir desta qualidade comum – o seguimento – pode-se falar de uma espiritualidade específica do laicato. Da mesma forma que também é legítimo falar de uma espiritualidade agostiniana, se prestarmos atenção ao roteiro de fé percorrido por Santo Agostinho. Assim, a espiritualidade agostiniana é um indicativo do caminho cristão.

Sabemos que temos de caminhar, porém, com frequência, não sabemos por onde começar. Surgem, assim, os mestres e os guias espirituais que nos auxiliam a reservar um espaço para Deus em nossa vida, a relacionar-nos com Ele e a descobrir a presença de Jesus na humanidade mais desvalida (Cf. Mt 25,40). O terreno da espiritualidade não são, somente, as realidades que dizem respeito a Deus, mas também tudo quanto é humano.

23. Nenhuma espiritualidade é monopólio de um grupo, ao contrário, as diferentes formas de espiritualidade fazem parte do patrimônio de toda a Igreja. Leigos e Religiosos podemos partilhar uma mesma espiritualidade e estabelecer uma inter-relação que nos beneficie mutuamente. Na Exortação Apostólica *Vida consagrada* aparece seis vezes a expressão *“intercâmbio de dons”* (47,54,62,82,85,101).

Aproximando-nos agora da espiritualidade agostiniana, podemos dizer que se trata de uma forma de considerar o ser humano como espelho e reflexo de Deus. O ser humano, mistério (Confissões 4,14,22) e abismo (Comentários aos Salmos 41,13), inflado e instável como o mar

(Confissões 13,20,28), sente-se vulnerável e necessitado, ao descobrir que carrega de forma muito sensível a ferida de seu pecado (Confissões 1,1). A confissão dessa indigência radical resulta em busca: *“Fizestes-nos, Senhor, para Ti e o nosso coração está incomodado até que venha a sossegar em Ti”* (Confissões 1,1,1). Entende Santo Agostinho que esta caminhada de procura de Deus deve ser feita em comunidade. Na hora de optar por um modelo comunitário, considera que a comunidade de Jerusalém é o ideal da vida cristã (Sermão 77,4): *“Tinham uma só alma e um só coração”* (At 4,32-35).

3.2. A espiritualidade agostiniana num marco secular

24. Devemos buscar as linhas específicas da espiritualidade agostiniana no mesmo Santo Agostinho, nos traços que definem sua fé e sua experiência humana. Agostinho, homem-cristão é colega de caminhada, condiscípulo (Sermão 134,1), operário da vinha como nós, que trabalha de acordo com as forças que Deus lhe concede (Sermão 49,2).

A vocação e a missão dos batizados são idênticas (Cf. *Christifideles laici*, n.16), se bem que a condição de leigo tem suas feições próprias, seu campo, embora não exclusivo, de ação evangelizadora (Cf. *Evangelii nuntiandi*, 70). Pode-se, então, afirmar que *“os leigos exercem seu variado apostolado seja na Igreja seja no mundo. Em ambos os casos abrem-se múltiplos campos de atividade apostólica, dos quais queremos recordar aqui os mais importantes. São estes: as comunidades da Igreja, a família, a juventude, o ambiente social, as estruturas nacional e internacional. E porque nos nossos dias as mulheres têm uma participação cada vez maior em toda a vida da sociedade, é de grande importância também sua participação cada vez maior nos campos do apostolado da Igreja”* (*Apostolicam actuositatem*, 9).

25. Não é válida, no entanto, uma definição do leigo e uma espiritualidade laical fundamentadas, unicamente, no fato de que os leigos estão no mundo. Seria como reparar de modo unilateral no que é cenário do leigo – cenário que, por outro lado, compartilham todos os membros

da Igreja – e voltar a erguer barreiras entre a Igreja e o mundo. O alicerce da espiritualidade laical é a espiritualidade cristã. Ainda, quando falamos da espiritualidade agostiniana a estamos enquadrando automaticamente num marco secular. Espiritualidade que se insere no amplo marco dos discípulos de Jesus Cristo e contempla a identidade cristã e as realidades temporais com olhos agostinianos. Ou seja, uma espiritualidade que tem seu centro e sua direção na caridade, que se humaniza em certas notas características e se projeta em missão evangelizadora no próprio ambiente do mundo.

3.3. Conteúdo da espiritualidade agostiniana

26. Santo Agostinho é pai de uma espiritualidade ou de uma visão do mundo cristã que, embora não se apresente sistematicamente organizada em nenhum dos seus escritos, sua estrutura pode ser encaixada a partir dos conceitos fundamentais de seu pensamento. É possível seguir o trajeto cristão da espiritualidade agostiniana porque Santo Agostinho nos legou uma descrição de sua caminhada humano-religiosa e de seu encontro consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com Deus. Sua vida passa por duas grandes experiências: a experiência humana e a experiência de Deus. Deus e o homem são dois temas que se alternam e entrelaçam em seu pensamento. Não poderemos levar a sério o trato com Deus se não valorizarmos o que é humano e o mesmo aconteceria se não valorizarmos o que é divino. Esta visão unitária é um projeto de desafio frente às distintas formas de humanismo que apresentam a alternativa ou Deus ou o homem.

27. O processo completo vai ao encontro de si mesmo e ao encontro com Deus. “E, se notas que tua natureza é mutável, vai além de a ti mesmo” (A verdadeira religião 39,72). Uma vez que o ser humano está habitado por Deus, tem fome de transcendência e, desafiando a lei da gravidade, está propenso ao que lhe é superior (A Cidade de Deus 22,24,4). Somos como uma moeda que numa de suas faces leva impresso o cunho de Deus e na outra a nossa imagem (Comentários aos Salmos 66,4). A afirmação da transcendência não quer dizer, de modo algum, renúncia ao que é humano.

Ver a Deus a partir do o homem e olhar o homem desde Deus constitui uma intuição das mais luminosas de Santo Agostinho. O caminho começa em nós mesmos. “Eis aqui, pois, a ordem da investigação: a alma que se entrega à filosofia deve iniciar por estudar a si mesma” (A ordem 2, 8,48).

Grandeza e limitação do ser humano. A vida como busca

28. Santo Agostinho contempla o ser humano e todas as coisas criadas com olhos de admiração. “É, pois, necessário conhecer o Fazedor por meio das criaturas e descobrir nelas, com acertada e digna proporção, o vestígio da Trindade” (A Trindade 6,10,12). O gênero humano é o enfeite mais belo de toda a terra (Cf. A Cidade de Deus 19,13,2). “Criou Deus o homem justo, como está escrito, e portanto de vontade reta” (A Cidade de Deus 14,11,1). Criou-o aberto a inúmeras possibilidades e dotado de sementes de inteligência e sabedoria que Deus semeou em toda alma (Cf. Sermão 117,11). De igual forma, vislumbra o santo a fragilidade da existência humana, que se encontra envolvida numa luta acirrada consigo mesma (Cf. A Cidade de Deus 21,15) e tudo quanto tem de abismo, de contradição e de mistério. A alma humana é o âmbito onde surgem as interrogações mais profundas e onde se trava a batalha íntima entre vontades em conflito. “... Minhas duas vontades, uma velha e outra nova, uma carnal e outra espiritual, combatiam entre si. Este antagonismo despedaçava minha alma” (Confissões 8,10). É o mistério da liberdade, a ambição de fazer-se a si mesmo de espaldas a Deus. A vontade foi criada por Deus naturalmente boa, porém também mutável. Pode afastar-se do bem para fazer o mal e pode afastar-se do mal para fazer o bem, sempre ajudada por Deus (Cf. A Cidade de Deus 15,21). Esta consciência de sermos portadores de debilidade (Cf. A Cidade de Deus 14,9,4) outorga à vida um caráter trágico. A vocação de verdade e felicidade se consegue plenamente na pessoa de Jesus Cristo, mestre, médico e modelo. “O Filho único de Deus por natureza se fez Filho do homem por amor misericordioso para conosco, a fim de que nós, filhos do homem por natureza, cheguemos a ser Nele, por graça, filhos de Deus” (A Cidade de Deus 21,15).

29. Santo Agostinho aprimora seu pensamento acerca do ser humano na fonte da Bíblia por ser ela a norma de toda busca, mestra da verdade e do amor e regra de vida do cristão (Cf. A doutrina cristã 2,7,10; Sermão 46,11,24...). Presta particular atenção ao livro do Gênesis onde se afirma que fomos criados a imagem e semelhança de Deus. Porém, por sermos criados do nada, ficamos limitados e nos tornamos errados interiormente pela presença do pecado (Confissões 8,10,22). Cristo Jesus, mediador entre Deus e os homens (Cf. A Cidade de Deus 10,22), se oferece como experiência de novidade e como esperança de vida a ser transformada. *“Sem perder nada de sua divindade, fez-se participante de nossa fraqueza. Também nós poderemos ser mudados para melhor devido à participação no seu ser imortal e santo”* (A Cidade de Deus 21,15). Jesus Cristo, *“fonte de vida que veio para se revestir de nossa carne, é quem atrai nossas aspirações”* (Sermão 142,9).

30. No âmago do ser humano está Deus, mora a verdade (A verdadeira religião 39,72). O homem admira todas as coisas e ele mesmo é digno de fascínio, escreve ele no Sermão 126,3,4. Essa admiração implica paixão por tudo quanto é humano, pela verdade, pela vida. A criação inteira é um grandioso espetáculo que nos fala de Deus (Cf. Sermão 313 D,2-3; Sermão 293,5; Sermão 241,2). Pode-se, portanto, seguir um processo de ascensão a Deus a partir do interior de si mesmo e desde a criação. As etapas do processo vão do exterior ao interior e do inferior ao superior.

O método agostiniano marca insistentemente a interioridade e a transcendência. Se colocarmos o coração nas criaturas, corremos o risco de amar as obras da natureza a ponto de desprezar a seu Criador (Cf. Sermão 313 A,2). O ser humano afasta-se do centro e se perturba quando altera a ordem do amor e não responde a sua vocação de Deus (Cf. Confissões 1,1,1 e 6,16,26). Ao lado da grandeza humana está sua condição de suma pobreza. É o duplo abismo de quem arrasta, como homem, a miséria do mendigo (Cf. A ordem 1, 2, 3) e descobre que há nele algo que o transborda (Cf. Confissões 10,8,15).

Esta forma de apresentar-nos ao desconhecido, ao profundo, converte a vida humana em desassossego e em busca. Apagar a admiração

ou desencantar a natureza é começar a trilhar o caminho da desumanidade ou barbárie. A dimensão filosófica e mística de todo ser humano pode ficar sufocada pela impetuosidade da atividade. Quando experimentamos a capacidade do próprio coração e das perguntas que estão em volta dele, o homem se abre a uma verdade maior àquela que a ciência lhe oferece. Surgem assim os sinais de vida, a presença do Espírito. *“Busquemos para encontrar, e encontremos para seguir buscando. Pois o homem, quando pensa que acaba, é então quando começa”* (A Trindade 9,1,1), é o convite agostiniano para quem deseja viver além do âmbito do imediato e do horizontal

O paraíso terrestre traz insatisfação e desencanto porque ignora o fundo abismal humano. Não se pode viver de espaldas àquilo que é mais pessoal e subjetivo que chamamos de perguntas supremas, as questões sobre o sentido da vida.

A interioridade

31. A interioridade e a comunhão são os componentes básicos do pensamento agostiniano. Nessa relação do ser humano consigo mesmo e com os outros está em jogo seu equilíbrio e sua felicidade. Estamos, sem dúvida, ante os valores que constituem o eixo da antropologia e da espiritualidade agostinianas. A quem estiver disperso e voltado ao exterior é difícil entrar no seu interior (A ordem 2,11,30). Somente quando consegue entrar dentro de si mesmo (A verdadeira religião 39,72,73), afastar-se da vida dos sentidos (A ordem 1,1,3) e retornar a seu coração (Comentários ao Evangelho de São João 18,10), é capaz de conhecer e de conhecer-se.

A janela dos sentidos permite-nos, somente, assomar à exterioridade. Podemos admirar paisagens e, entretanto, ignorar-nos a nós mesmos (Confissões 10,8). Por isso, o homem sem interioridade é um ser anônimo, sem mistério, sem curiosidade. Na interioridade é onde se fazem as perguntas e aparecem as certezas.

O sentimento de identidade – quem sou eu? – e a religiosidade – quem é Deus? – surgem da interioridade. O conhecimento de mim mesmo me identifica, a religiosidade descobre que a minha vida me transcende